

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP – FACHS

Gabriela Caivano Azevedo Silva

O desenvolvimento da sombra e da persona na sociedade do cansaço:
uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman.

SÃO PAULO – SP
2022

Gabriela Caivano Azevedo Silva

O desenvolvimento da sombra e da persona na sociedade do cansaço -
Uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman.

Trabalho realizado como trabalho de conclusão de curso em **Psicologia** da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Orientadora: Professora Dra. **Ivelise Fortim de Campos.**

SÃO PAULO – SP

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente meus pais, por sempre me apoiarem e me incentivarem a seguir meus sonhos.

Agradeço ao meu irmão, por ter me indicado essa série, assim como tantos outros filmes e séries, que foram essenciais para minha formação como pessoa.

Agradeço à professora Paula Guimarães, por ter me apresentado de forma tão especial a psicologia junguiana.

Agradeço a todas as amigas que fiz durante a graduação, principalmente Ju, Gi, Catu, Eli, Mi, Lu e Ana, que fizeram esses anos serem tão especiais.

Agradeço à minha orientadora, Ivelise Fortim, por todo apoio e auxílio durante o processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço à minha avó Clarita, por sempre me incentivar a entrar em contato com meu lado lúdico e artístico.

Agradeço à Lala, minha cachorra, que me acompanhou durante toda graduação e foi minha companheira essencial nos anos de pandemia.

RESUMO

AZEVEDO SILVA, G. C. **O desenvolvimento da sombra e da persona na sociedade do cansaço**: uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman. São Paulo, 2022. Orientadora: Ivelise Fortim de Campos.

A presente pesquisa se propôs a analisar simbolicamente as vivências do personagem Bojack Horseman, protagonista da série americana de desenho animado Bojack Horseman, criada por Raphael Bob-Waksberg, sob a perspectiva da psicologia analítica. Para isso, foram revisados conceitos descritos por C. G. Jung e teóricos pós-junguianos, visando uma articulação entre estes e a série. Para que fosse possível uma melhor compreensão do fenômeno em questão, foi abordado o conceito de sociedade do cansaço, descrito por Byon Chul-Han, visando a contextualização da lógica vigente no universo da série, o que impacta significativamente o desenvolvimento da sombra e da persona do personagem. Ademais, a questão da dependência de substâncias foi enfatizada e relacionada com a sociedade do cansaço, acima mencionada, de modo que as dependências foram compreendidas como uma manifestação sombria acarretada pela lógica vigente na sociedade em questão. Tendo por objetivo a realização de uma análise simbólica de Bojack Horseman, foi utilizado o método qualitativo, pautado pela observação da série por meio da busca e descrição de passagens, que foram posteriormente relacionadas com os conceitos teóricos.

Palavras-chave: psicologia analítica; análise simbólica; Bojack Horseman; sociedade do cansaço; dependências.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVO	10
2.1. Objetivo geral	10
2.2. Objetivo específico	10
3 MÉTODO	11
4 A SOCIEDADE DO CANSAÇO	13
4.1. A pós-modernidade	15
4.1.1 O sujeito pós moderno	17
4.1.2. Os relacionamentos na sociedade pós-moderna	20
4.2. O excesso de positividade	24
5 PERSONA E SOMBRA	29
5.1. Sombra	30
5.2. Persona	33
6 AS DEPENDÊNCIAS SEGUNDO A PSICOLOGIA ANALÍTICA	37
6.1. O consumo de substâncias	37
6.2. Alcoolismo e sua relação com a sombra e a persona	40
6.3. As dependências e o “vício em perfeição”	43
6.4. Apolo e Dionísio	47
7 BOJACK HORSEMAN: UM RESUMO	50
7.1. Personagens principais	50
7.2. Principais acontecimentos	52
8 ANÁLISE: BOJACK HORSEMAN, UM SUJEITO TÍPICO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO, OU NÃO?	58
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas referentes à área cinematográfica, sejam relacionadas a filmes ou séries, estão sendo elaboradas cada vez com maior frequência, sendo essa uma importante área a ser estudada e analisada. Essas obras nasceram e se desenvolveram como importantes meios de comunicação de relativo fácil acesso, o que faz com que cheguem a diferentes pessoas em diferentes contextos. Por meio desses veículos, é possível a disseminação de inúmeros conteúdos, que repercutem na subjetividade daquele que assiste, assim, podendo ser considerado como um meio de interpelação de subjetividades. Seguindo essa lógica, segundo Baptista (2019), “O cinema acaba por ser um espelho do mundo, com inúmeras facetas, assim como irredutivelmente múltiplo e conflituoso” (p. 44).

Segundo Young (2014), o cinema, assim como as séries, pode ser visto como uma forma de arte que está impregnada pelos aspectos humanos, retratando situações e sentimentos humanos. O que propicia diversas mobilizações de questões em diferentes pessoas, e, justamente, por conta dessa mobilização, seu estudo se mostra essencial, como fica evidente no trecho abaixo:

Os filmes são janelas ou espelhos para o mundo do comportamento humano, do funcionamento da mente e da própria natureza humana. Contido nos filmes, podemos ver o desenvolvimento individual acontecer - a operação de mecanismo de defesa inconsciente, os processos sócio psicológicos e assim por diante. Aqui, o filme é uma paisagem sobre a qual entidades psicológicas são projetadas. (YOUNG, 2014, p. 24).

Seguindo esse raciocínio, essas obras possibilitam o funcionamento do mecanismo de projeção de aspectos de si mesmo nos acontecimentos e personagens da obra assistida. Assim, promovem um contato com o inconsciente, uma vez que, frente a essa projeção, o sujeito pode vir a buscar a razão pela qual o que foi assistido o mobilizou, proporcionando uma possibilidade de integração daquele aspecto, antes desconhecido.

Nesse sentido, os filmes e séries podem ser considerados como símbolos para algumas pessoas, uma vez que criam uma ponte entre consciente e inconsciente, sendo que o conteúdo desconhecido, aquilo que ainda não foi

elaborado pela consciência, é o que gera essa nummosidade e mobilização por parte do sujeito.

Diante dessa importância de análise dos conteúdos cinematográficos, uma vez que, além de refletirem questões da sociedade, ainda possibilitam o contato com aspectos inconscientes, a pesquisadora optou por analisar a série *Bojack Horseman*. Esse interesse surgiu, primeiramente, por questões pessoais relacionadas ao grande impacto que a série causou em sua subjetividade. Essa obra mobilizou de forma significativa o sujeito em questão, o que, em um primeiro momento, não foi entendido, e, portanto, não foi elaborado.

Após meses assistindo a série, alguns aspectos trazidos pela mesma foram se encaixando em situações da vida da pesquisadora, o que trouxe uma possibilidade de amplificar o entendimento desses acontecimentos, e consequentemente, auxiliar uma posterior elaboração das mesmas. Dessa forma, foi percebido um grande potencial numinoso da série, tal que não se restringe apenas a uma pessoa, uma vez que essa obra obteve grande repercussão no mundo todo, apresentando episódios com avaliações muito positivas em sites como IMDB e Rotten Tomatoes, tais que avaliam tanto a opinião do público, quanto a opinião de críticos especializados na área.

A série em questão, *Bojack Horseman*, é uma animação adulta americana original da *Netflix*, lançada em 2014 e criada por Raphael Bob-Waksberg. A série se passa em um universo alternativo, em que animais e pessoas convivem de forma horizontal, sendo que os animais possuem características humanas. Nesse contexto, é retratada a vida cotidiana de um cavalo, *Bojack Horseman*, um ator de Hollywood famoso nos anos 90, mas que após a fama, se tornou alcoolista e dependente de outras substâncias. Assim, a série, além de trazer diversas críticas à sociedade capitalista, também aborda temas como depressão, dependência substâncias, comportamento autodestrutivo, e diversas outras questões, que podem ser associadas às condições que esse sistema impõe aos sujeitos.

Dessa forma, visando a melhor compreensão possível da série através da perspectiva da psicologia analítica, a revisão de alguns conceitos teóricos se mostrou essencial. Assim os conceitos de consciente, inconsciente, persona, sombra e complexo do ego são centrais para o entendimento do fenômeno em questão.

Segundo Jung (2015), o inconsciente pode ser dividido em inconsciente pessoal, aquele que contém materiais de origem pessoal que foram reprimidos ou não adquiriram energia o suficiente para atingir a consciência, e inconsciente coletivo, que contém arquétipos, que podem ser definidos como:

[...]uma fonte primária de energia e padronização psíquica [...] Constitui a fonte essencial de símbolos psíquicos, os quais atraem energia, estruturam-na e levam, em última instância, à criação de civilização e cultura. (STEIN, 2006, p. 81).

De acordo com essa teoria, o ego nasce do inconsciente e surge como um centro organizador da consciência, de modo que para um conteúdo tornar-se consciente é necessário que este seja reconhecido pelo ego, ou seja, para que um conteúdo inconsciente seja incorporado na consciência, este deve passar pelo complexo do ego. Além disso, o ego é de extrema importância por receber conteúdos do inconsciente coletivo, mundo externo e inconsciente pessoal, sendo que este último apresenta uma relação dual com esse complexo, uma vez que este recebe conteúdos do ego e também direciona certos materiais para o mesmo.

É essencial destacar a importância do mecanismo de compensação, que, como o nome já enuncia, visa compensar a oposição e polarização presentes no consciente e no inconsciente. No momento, em que a consciência se apresenta muito unilateralizada, a tendência oposta a essa unilateralidade será energizada no inconsciente, atribuindo uma intensa força a estes conteúdos que se manifestarão na consciência (JUNG, 1994).

Outro conceito importante de mencionar é o de sombra, tal que é formado por conteúdos não reconhecidos pelo ego, que por conta de alguma dissonância cognitiva ou emocional em relação ao mesmo, foram reprimidos e mandados para o inconsciente pessoal, e, portanto, não reconhecidos como conteúdos ou características pertencentes àquele indivíduo. Comumente alguns desses conteúdos são contrários às convenções sociais estabelecidas pela sociedade a qual o sujeito faz parte, uma vez que há uma tendência a reconhecermos e aceitarmos em nós aquilo que é socialmente aceito, visando uma melhor adaptação ao mundo externo (STEIN, 2006).

Essa adaptação é realizada através da *persona*, que assim como a sombra, é um arquétipo, e juntamente a ela forma uma dualidade arquetípica, uma vez que são opostos quase exatos. Esse arquétipo representa um papel social, sendo aquilo que o indivíduo permite que o mundo veja, desse modo, "A palavra *persona* é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar" (JUNG, 2015, pp. 245).

Ela tem como função proteger o indivíduo e, ao mesmo tempo, se relacionar com o mundo externo. Assim, funciona como uma película entre o ego e mundo, sendo composta por expectativas externas e objetivos individuais. Além disso, é possível a ocorrência de um grande enrijecimento da *persona*, levando a identificação do ego com a mesma, o que ocorre com mais frequência em *personas* valorizadas pela sociedade, e dificulta ainda mais o processo de integração de conteúdos inconscientes na consciência (JUNG, 2015).

O enrijecimento mencionado é comum na sociedade do cansaço, conceito desenvolvido por Han (2015) para descrever a sociedade capitalista atual, que corresponde ao universo da série em questão: uma sociedade capitalista, produtiva e repressora, que preza pela produtividade e repressão de aspectos negativos que poderiam diminuir o desempenho dos indivíduos. Essa intensa exclusão de aspectos negativos que não condizem com a lógica vigente leva a uma energização dos aspectos excluídos, que acabam por se manifestar de outros modos indesejados, como por exemplo, através do descontrole presente nas dependências de substâncias (WOODMAN, 2002).

A sociedade do cansaço é marcada pela presença de uma positividade tóxica que leva a uma repressão de tudo aquilo que poderia interferir negativamente no desempenho dos sujeitos. Dessa forma, o sujeito da sociedade do desempenho se encontra saturado e exausto de lutar consigo mesmo, uma vez que é seu principal competidor, sempre é possível fazer mais e melhor (HAN, 2015). Nesse sentido, há uma competição impossível de vencer e uma grande exclusão dos aspectos negativos, o que leva à formação de uma *persona* muito rígida, e, portanto, de uma sombra energizada e com diversos conteúdos relacionados à improdutividade e descontrole.

Frente a isso, as dependências podem ser compreendidas como uma forma de compensar essa rigidez produtiva (WOODMAN, 2002), uma vez que ressaltam os dois aspectos excluídos mencionados acima: a improdutividade e o descontrole.

Assim, o sujeito dependente é aquele que saiu de um polo para mergulhar em outro de modo perigoso e danoso para seu desenvolvimento psíquico, sendo que a questão principal é a impossibilidade de não consumir, visto que a substância passa a ser fundamental para o desenvolvimento psíquico do sujeito (SILVEIRA FILHO, 2002).

Diante disso, esse trabalho se propôs a analisar como se dá o desenvolvimento da sombra e da persona na sociedade do cansaço, compreendendo o alcoolismo como uma consequência indesejada inerente a essa sociedade. Assim, ao longo do trabalho, foram desenvolvidos capítulos que abordam a sociedade e suas principais características, o alcoolismo e o desenvolvimento da sombra e persona para a psicologia analítica, com o objetivo de que essas temáticas fossem articuladas, visando a realização de uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman, entendido, até certo ponto, como uma figura típica da sociedade do cansaço.

2 OBJETIVO

2.1. Objetivo geral

Realizar uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman, protagonista da série original da *Netflix*, Bojack Horseman, sob a perspectiva da psicologia analítica, postulada por C. G. Jung.

2.2. Objetivo específico

Analisar como ocorre o desenvolvimento da sombra e da persona na sociedade do cansaço.

Analisar como o alcoolismo está relacionado com o desenvolvimento da sombra e da persona nessa sociedade.

Relacionar os conceitos de sombra e persona com o personagem indicado, trazendo as relações disso com a sociedade em que ele está inserido, enfatizando a questão do alcoolismo.

3 MÉTODO

Posto que esta pesquisa tem por objetivo realizar uma análise simbólica do personagem Bojack Horseman, protagonista da série original da Netflix, Bojack Horseman, o método de pesquisa qualitativo mostrou-se mais adequado para o cumprimento desse objetivo.

Essa metodologia se mostra mais adequada à epistemologia da Psicologia Analítica, possibilitando a emergência de um caráter compreensivo e interpretativo do fenômeno, tal que permite a apreensão de aspectos direta e indiretamente observáveis daquilo que é estudado, como fica evidente na afirmação de Eloisa Penna (2009): "A produção de conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, busca não apenas a descrição dos fenômenos, mas principalmente, a compreensão e interpretação da realidade pesquisada" (p.65).

As características indiretamente observáveis, são aquelas advindas do inconsciente, e que, portanto, não passíveis de acesso direto por parte da consciência. Assim, esse contato pode ser mediado através de símbolos, tais que atuam:

[...] como ponte epistemológica entre consciente e inconsciente é o fenômeno psíquico passível de investigação. Ele congrega o âmbito pessoal e o âmbito coletivo, a dimensão histórica e a dimensão universal dos eventos psíquicos, e coloca-se como o elemento a ser apreendido pela consciência, podendo ser compreendido e assimilado quando elaborado. (PENNA, 2009, p.87).

Dessa forma, fica evidente que o pesquisador e sua pesquisa não podem ser dissociados, tendo em vista que o processo da pesquisa envolve um processo pessoal, que repercute no desenvolvimento psíquico do sujeito, tal que influenciará na realização da pesquisa.

Portanto, tendo em vista que o objetivo da presente pesquisa é uma análise simbólica do fenômeno em questão, o método qualitativo mostrou-se mais adequado, justamente, por permitir a apreensão de experiências indefiníveis, intuitivas e imaginativas. Tais que não poderiam ser mensuradas pela metodologia quantitativa, que enfatiza o pensamento abstrato e racional, o que impossibilitaria a compreensão dos símbolos.

Para que esse objetivo fosse alcançado, foi realizada uma revisão bibliográfica dos conceitos descritos por C. G. Jung e teóricos pós-junguianos, para que esses pudessem, posteriormente, ser articulados a características e vivências do personagem, Bojack Horseman. Desse modo, foram revisados alguns desses conceitos principais que embasaram a análise teoricamente: sombra, persona, inconsciente e sistema ego-consciência. A pesquisadora se propôs a assistir novamente os episódios da série, dessa vez com um olhar crítico e teórico, visando a identificação de passagens que pudessem ser articuladas com os conceitos acima mencionados.

Ademais, foi realizada uma revisão da bibliografia relacionada a temática do alcoolismo e a compreensão desse fenômeno para a psicologia analítica, uma vez que esse pode ser compreendido como uma consequência da unilateralização da sociedade que enfatiza temáticas racionais e patriarcais, deixando de lado as questões inconscientes.

Além disso, foram revisadas outras pesquisas relacionadas à temática em questão, que pudessem contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno. Assim, foi realizada uma revisão de artigos relacionados a série Bojack Horseman, à análise de séries e filmes, dependências de substâncias, sociedade pós-moderna, sociedade do cansaço, positividade, conceitos teóricos da psicologia analítica, entre outros. Essa revisão foi realizada através de artigos disponíveis na Biblioteca online da PUC, plataforma Scielo, Scholar Google, BDTD (Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações), PubMed, BVS Psicologia Brasil, PePSIC, Portal de Periódicos CAPES, além de livros físicos.

Desse modo, a partir dessa vasta revisão, foi possível a articulação entre as temáticas em questão (sombra e persona, sociedade do cansaço e dependências), que foram relacionadas e ilustradas partindo da série "Bojack Horseman".

4 A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Levando em conta que o presente trabalho visou a realização de uma análise dos conceitos de sombra e persona postulados por C. G. Jung na sociedade do século XXI, usando a série "Bojack Horseman" como exemplo, é essencial que seja esclarecido de qual sociedade se fala, quais suas principais características e seus impactos sobre as experiências humanas, principalmente sob o psiquismo.

Primeiramente, tendo em vista que a série acima apontada se passa na pós-modernidade, é importante a realização de um panorama geral da passagem da modernidade para a pós-modernidade, visando uma maior compreensão acerca dos processos essenciais que caracterizam essas épocas. Esse panorama possibilitou a realização de uma análise do desenvolvimento do psiquismo humano dentro desse contexto, o que serviu como base para a análise da série em questão.

Segundo Sant'Anna (2019), a modernidade tem seu início nos séculos XVI/XVII, com o advento da ciência moderna. Esta época é marcada pela presença de barreiras e limites bem postos, desse modo, há uma clara separação entre externo e interno, tanto no que diz respeito ao mundo concreto, quanto ao psiquismo do sujeito. O eu e o outro apresentam um limite bem estabelecido, o que permite uma diferenciação clara, gerando uma polarização e uma rigidez que leva à repressão de alguns conteúdos que não dialogam com as tendências da época, o que repercute nas relações sociais, políticas e econômicas, assim como no próprio psiquismo.

Desse modo, em relação ao psiquismo, essa época é demarcada por uma polarização intensa entre consciente e inconsciente, e uma dificuldade de integração dos conteúdos, uma vez que há uma diferenciação em demasia, o que acarreta uma não aceitação do polo oposto pelo mesmo ser entendido como insuportável. Assim, há uma unilaterização da consciência, e, portanto, uma não integração dos conteúdos psíquicos, um enrijecimento egoico (SANT'ANNA, 2019).

Essa tendência também se traduz na vida social, econômica e política. Há uma grande intolerância em relação ao diferente, e a prevalência de políticas e movimentos discriminatórios, como pode ser observado no contexto europeu de modo evidente na segunda guerra mundial e nos movimentos nazistas e fascistas, por exemplo.

Diante desse contexto de intensa diferenciação, a identidade dos sujeitos se estabelece de forma rígida, o que gera uma potencialização dos processos de exclusão. Isso ocorre, segundo Andrade e Hime (2009) pelo fato de os sujeitos ao formarem uma identidade inflexível, se relacionam com os outros através do processo de identificação, assim, tendem a buscar aquilo que é igual a eles, uma vez que o diferente incomoda, representando aspectos inconscientes não desenvolvidos. Desse modo, quando sujeitos se agrupam com base na identificação, ocorre um movimento de identificar também aqueles que não fazem parte do grupo, o que leva à exclusão.

A discriminação atua de forma a propiciar o desenvolvimento quando propulsiona o surgimento da individualidade, o que pode ocorrer a partir das definições sobre onde começa o eu e onde começa o outro. O processo de identidade, contudo, reage defensivamente para fomentar a exclusão: comunidades se agrupam por identidade com o objetivo de afirmar quem não faz parte, diz o autor [Bauman] (2004, p. 30). (ANDRADE e HIME, 2009, p.170).

Assim, é preciso diferenciar a discriminação do processo de identificação aqui mencionado. A discriminação é essencial para o desenvolvimento do sujeito, uma vez que permite o estabelecimento de uma diferenciação entre mim e outro, o que é fundamental para o relacionamento. Já essa relação que enfatiza a identificação de forma excessiva, leva a uma polarização que exclui aquele considerado diferente, de acordo com Andrade e Hime (2009).

Byon Chul-Han (2015) em sua obra "Sociedade do cansaço" realiza um paralelo entre a sociedade moderna e o sistema imunológico, caracterizando-a como uma sociedade imunológica, regida pela negatividade e exclusão: "Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade" (HAN, 2015, p.8).

Assim, estabelecido aquilo que era normal, o que era considerado fora desses padrões era o estranho, ou seja, aquilo que o sistema defensivo deveria exterminar. Diante dessa noção, as patologias decorriam de uma falha do sistema defensivo, o que acarretava uma invasão desse estranho no que era considerado normal. Dessa forma, essa imunologia produzia uma nítida divisão entre o externo e o interno, sendo que o interno se organizava visando afastar aquilo que vinha de fora, ou seja, um afastamento negativo. Esse mundo, como já foi apontado, é

identificado por "barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio" (HAN, 2015, p. 13.).

Esse paradigma é marcado por uma negatividade, em que o outro é o negativo, que deve ser negado e exterminado do corpo em que penetrou. Isso ocorre pelo fato de o sistema imunológico ser regido por uma dialética negativa, ou seja, aquilo que é considerado o outro é o negativo que ameaça invadir o sistema, assim deve ser exterminado, negado daquele sistema que foi invadido.

4.1. A pós-modernidade

Em contraposição a época moderna, caracterizada pela polarização e rigidez, a pós-modernidade surge com a proposta de uma fluidez e flexibilidade, ou seja, ocorre uma dissolução dos limites antes tão bem estabelecidos. De acordo com Sant'Anna (2019), a pós-modernidade tem seu marco de início após a segunda guerra mundial, uma vez que a humanidade sofre mudanças significativas em todos os âmbitos da vida. Essa época é marcada pela globalização, ou seja, a ausência de limites, a conexão e comunicação, flexibilidade, imprevisibilidade e individualismo. Assim, há um abalo nas tradições que eram tão bem marcadas, o que acarreta angústia e inseguranças nos sujeitos, que, neste momento, não tem mais padrões claros para seguir em seu desenvolvimento (BAUMAN, 1998).

Em relação a essa dissolução de fronteiras, Bauman (1998) aponta que isso geraria uma grande sensação de liberdade, mas que teria como pressuposto, o sacrifício da segurança:

Os mal estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p.10).

No trecho acima, fica evidente o movimento contrário da pós-modernidade em relação à modernidade, o que pode ser entendido como uma tentativa da humanidade de se desvencilhar dos limites impostos anteriormente, o que gera o desenvolvimento da tendência oposta, a extinção desses limites. Dessa forma, as patologias dessa época, de modo geral, não vão dizer mais respeito a polarização,

como evidenciado na época moderna, mas sim a insegurança frente a falta de fronteiras, o que ecoará em todas esferas da vida.

Sendo assim, a incerteza é o sentimento dominante nessa nova sociedade, e segundo Bauman (1998), isso decorre, principalmente, dessa nova ordem mundial. A liberdade concedida ao capital, que se estabelece acima de todas as outras liberdades, também contribui para essa sensação, além da mudança na dinâmica das relações interpessoais, agora, perpassadas pela lógica do consumismo. E, por fim, uma consequência dessa constante movimentação é a impossibilidade de conhecer algo de forma segura.

Bauman (1998) faz um paralelo das características da cidade urbana com o estado interior dos sujeitos, afirmando que esse ambiente que preza pelos espaços privados reflete uma introversão dos sujeitos voltados para si e a insegurança proveniente da falta de estabilidade em todos âmbitos da vida, o que faz com que os mesmos evitem o contato com o outro, por conta de uma grande insegurança.

Seligmann-Silva (2011), traz a questão da violência que atinge de forma muito intensa a sociedade e os processos de trabalho da pós-modernidade. É ressaltado como inerente a essa violência uma questão ética que vem sendo cada vez mais menosprezada em nome da produtividade e do que ela vai chamar de ideologia da excelência, o que leva a uma “...inversão de valores éticos e morais: o individualismo, o acirramento da competitividade e o apagamento da confiança e da sensibilidade” (p.492).

Ademais, a autora também traz os principais paradigmas da excelência: a flexibilidade, mudança contínua, agilidade, polivalência, rapidez e inovação constante. Todas essas tendências são características da sociedade pós-moderna, e contribuem para um esgotamento do sujeito, e dificultam a formação de uma identidade.

Nesse sentido, Han (2015), aponta para uma mudança de paradigma. Esse paradigma imunológico, anteriormente mencionado, típico da modernidade é incompatível com o processo de globalização. Essa incompatibilidade ocorre por conta do mundo imunológico ser marcado por polarizações e barreiras rígidas, e a globalização ser marcada por uma grande flexibilidade e dissolução de limites, sendo que “a alteridade, que provocaria uma imunorreação atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras” (HAN, 2015, p.13).

4.1.1 O sujeito pós moderno

A instabilidade reflete, não apenas nas relações interpessoais, mas também na imagem que o sujeito tem de si mesmo, que sempre está expressando algo diferente, e tendo de se reinventar frente à instabilidade do mundo. Dessa forma, tendo em vista essa imprevisibilidade, criar uma identidade é uma forma de aprisionamento, e, portanto, há uma falta de recursos para a criação da mesma por conta da dificuldade de se relacionar com o outro, que também não tem uma identidade definida. Portanto, há um impedimento da fixação dos sujeitos, o que resulta em uma ênfase no presente, já não é possível se prender no passado, muito menos pensar na situação atual em uma perspectiva futura. Tudo está em constante movimento e troca, seguindo a lógica do consumo, quem se fixa dentro desse paradigma, está em prejuízo (BAUMAN, 1998).

Assim, em oposição a época moderna, em que as identidades eram bem construídas até o ponto de se tornarem rígidas, na pós-modernidade, a problemática não envolve “fazer a identidade deter-se - mas evitar que se fixe” (BAUMAN, 1998, p. 114). Portanto, mesmo com uma tendência à individualização, o sujeito pós-moderno se apresenta impossibilitado de formar uma identidade, levando a uma incerteza acerca de si mesmo, e sem os limites para definir o eu, o relacionamento com o outro se torna impossível. Desse modo, “um espectro de patologias contemporâneas está relacionado à falta de fronteiras decorrente da fragilidade da construção do EU e do OUTRO” (SANT’ANNA, 2019, p.9).

Outra característica fundamental desse sujeito pós-moderno, é o individualismo, que como será apontado mais adiante, tem relação significativa com o rumo que as relações interpessoais têm tomado. Esse sujeito é perpassado por um intenso narcisismo, ou seja, a maior parte da sua energia não está focada no outro, mas em si mesmo, a ponto de isso impedir o desenvolvimento psíquico por conta de uma falta de contato com alteridade. Essa tendência resulta da lógica focada no capital, que dissemina a questão individual no desempenho, deixando os relacionamentos com os outros prejudicados, uma vez que esse é um potencial competidor (BAUMAN, 2004).

Ademais, o paradigma capitalista acaba por gerar alterações nas relações interpessoais, que, na pós-modernidade, passam a ser compreendidas a partir da lógica de mercado. É possível considerar que essa sociedade apresenta um

excesso da disposição “Ter”, e uma falta de “Ser”. Segundo Erich Fromm (1982), o “Ser” seria uma abertura em relação a outro, o que permitiria uma compreensão e uma integração da alteridade. Enquanto isso, o “Ter” representaria a tendência consumista do humano, de se beneficiar de algo até que esse não tenha mais nada que o interesse, para que assim, seja substituído por outro objeto novo. Desse modo, essa disposição estaria relacionada à lógica de mercado, que rege as relações pós-modernas, em que não há um vínculo profundo com o outro, o que é reforçado pelas tecnologias digitais.

Levando isso em conta, o “Ser” pode ser entendido como uma disposição ideal para o desenvolvimento psíquico, uma vez que esse, na visão de Jung, pressupõe o contato com os elementos não desenvolvidos na consciência, portanto, com o diferente. Assim, a relação humana se faz elemento essencial para o desenvolvimento da personalidade, visto que proporciona o confronto, não em um sentido agressivo, mas de encontro com o outro. Sendo que o sujeito se constitui a partir desse outro, que proporciona o enfrentamento com o diferente, com aquilo que não é desenvolvido naquele sujeito, e que poderá, a partir desse contato, ser reconhecido e integrado na consciência, de acordo com Andrade e Hime (2009).

Entretanto, o “Ter” está atrelado a lógica pós-moderna que reduz as relações a mercadoria ao resumi-las em “um acordo de interesses momentâneos, que produz insegurança quando a intenção era diminuí-la” (ANDRADE e HIME, 2009, p.5). Essa questão também é desenvolvida por Bauman (2004), ao definir as relações atuais como “líquidas”, marcadas pela fluidez e despersonalização do sujeito, que “adquire o estatuto de coisa a ser consumida”. Isso ocorre por conta de uma redução da importância do outro àquele que deve satisfazer as necessidades do sujeito, assim como as mercadorias, o que é facilitado pelo crescimento das relações virtuais. Porém, é importante ressaltar que não é correto culpar a tecnologia pelo afastamento e afrouxamento de vínculos. Essa flexibilidade e falta de limites é característica fundamental da pós-modernidade, a tecnologia apenas facilitou que essas questões fossem transpostas para os relacionamentos.

É interessante ressaltar o fato de que mesmo os escritos de Fromm em relação às disposições “Ter” e “Ser” sendo antigos, levando em conta a evolução tecnológica, eles podem ser aplicados para facilitar a compreensão acerca da sociedade atual. Isso ocorre, pois Fromm escreveu sobre uma época em que a tecnologia ainda não estava tão desenvolvida e o sistema do consumismo

exacerbado se encontrava em seu início. Dessa forma, com o desenvolvimento do capitalismo integrado e das tecnologias digitais, houve uma intensificação do que foi desenvolvido por Fromm, assim, seu pensamento pode ser atualizado e transposto à época atual.

Em relação a esse individualismo, Lipovetsky (2005) traz uma perspectiva otimista diferente dos autores acima citados, afirmando que essa tendência não é necessariamente ruim. Ele define o individualismo como uma nova configuração dos valores, como uma emancipação do homem, em que cada um se reconhece como livre e semelhante aos outros. Ademais, em diálogo com as tendências consumistas, há um hedonismo predominante, assim, o valor máximo é a busca por prazer instantâneo. Mesmo com essa tendência, o autor afirma que não há uma dissolução das questões coletivas, mas sim que essas são motivadas por questões individuais.

Além disso, esse sujeito é tomado por uma euforia narcísica que leva a uma falta de referência, justamente pela falta de relação com o outro, o que acarreta uma falta de sentido. Dessa forma, esse sujeito opera em um vazio, em que reina a indiferença pelo outro, há um desprendimento. Porém, esse narcisismo não pode ser compreendido como uma falta de personalidade, mas sim como um novo tipo de desenvolvimento. Também é essencial destacar que o Lipovetsky (2005) não traz essa ideia de vazio como sendo algo ruim, mas considerando esse fator como uma superação do moralismo, entendido como um excesso de valores que devem ser seguidos sem a possibilidade de serem relativizados. Assim, essa época pós moralista seria uma possibilidade do sujeito se libertar dos antigos padrões, agindo com liberdade e flexibilidade. Nesse sentido, esse vazio seria um novo modo de viver, em que as coisas não precisam ser realizadas com a justificativa de um sentido por trás. Há a possibilidade de desfrutar das coisas, simplesmente pelo o que elas são, o que leva a uma constante produção de diferentes sentidos.

Em relação ao consumismo, diferentemente do que afirma Bauman em relação a objetificação do sujeito e falta de liberdade, Lipovetsky defende uma permanência de uma liberdade real, o que mantém o sujeito como centro desse processo. Assim, ele afirma que não estamos mais em uma manipulação capitalista, mas sim em um jogo de sedução, em que o sujeito ainda tem o poder de escolha, mesmo que seja influenciado pela mídia, dessa forma, não se converte a um mero objeto, uma vez que possui o poder de comprar ou não a mercadoria. Entretanto, o autor não se atentou às desigualdades sociais intrínsecas a esse sistema ao afirmar

que o consumismo pode ser exercido como forma de confirmação da subjetividade, de modo que as posses possam se adequar a personalidade, estimulando a parte subjetiva.

Ademais, Lipovestky não considerou as tendências capitalistas que levariam o sujeito a alienação não apenas através do consumo, mas também, através da produtividade. O autor compreendeu a flexibilidade e a dissolução dos limites como uma libertação real do sujeito, entretanto não levou em conta o controle internalizado, que transforma este em seu próprio dominador, o que leva a uma auto exploração sem limites, que será desenvolvido mais adiante. Portanto, é possível considerar que, por mais que essa visão de Lipovetsky seja essencial para a compreensão do sujeito pós-moderno ao relativizar o individualismo, ela não é adequada levando em conta o rumo da exploração, visando a produtividade, que tem sido observada.

4.1.2. Os relacionamentos na sociedade pós-moderna

O individualismo acima mencionado, assim como a predominância da disposição “Ter”, ficam evidentes nos relacionamentos atuais, que são constituídos por o que podemos chamar de redes, que podem servir tanto para proximidade, quanto para a distância, ou seja, as conexões podem ser formadas e rompidas com a mesma rapidez e relevância. Esse tipo de relação, é denominado por Bauman (2004) como “relações virtuais”, ou conexões, e tem como característica essencial a facilidade de entrar e sair, ou seja, sua fluidez. O autor apresenta um tipo de relacionamento muito característico dos tempos atuais, denominado “relacionamento de bolso”, que pode ser descrito como uma forma de relacionamento em que o sujeito pode desfrutar quando quiser e depois guardar, sem explicações. Além disso, ele compara esse vínculo com substâncias que em alta dose podem causar dano à saúde, afirmando que “... é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las” (BAUMAN, 2004, p. 7).

Outro aspecto central que perpassa as relações é a presença das mídias digitais, que proporcionam uma grande sensação de controle, que gera uma segurança, em contraposição ao clima de instabilidade predominante, como já foi apontado. Nesse sentido, a comunicação e conexão online permite que o sujeito se reinvente a cada contato, apresentando a si mesmo como desejar, e construindo o

outro de acordo com as necessidades individuais. Assim, fica evidente que esse tipo de contato não tem como pressuposto a relação com o outro, mas sim uma relação narcísica de auto referência.

O ideal de 'conectividade' luta para apreender a difícil e irritante dialética entre dois elementos inconciliáveis. Ele promete uma navegação segura (ou pelo menos não fatal) por entre os recifes de solidão e de compromisso, do flagelo da exclusão e dos férreos grilhões dos vínculos demasiadamente estreitos, de um desprendimento irreparável e de uma irrevogável vinculação. (BAUMAN, 2004, p. 51).

Dessa forma, podemos nos manter conectados e não nos sentirmos sozinhos, mas não há a necessidade de comprometimento, tudo é momentâneo, não há uma fixidez, portanto, é não apenas possível, mas intrínseco desse tipo de vínculo, a distância virtual. As relações tornam-se mais frequentes e cada vez mais banais, o que faz com que não se constituam laços, possibilitando que essa proximidade virtual seja “encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão” (Bauman, 2004, p. 59). E isso, ao mesmo tempo que gera um alívio e incita uma sensação de liberdade, aumenta a insegurança, uma vez que também podem ser deletados e substituídos a qualquer momento.

Desse modo, a sociedade se desenvolve cada vez mais individualizada, e, portanto, solitária. Nesse contexto, surge uma grande demanda pela intimidade, ao mesmo tempo que uma exigência pela liberdade, que pressupõe uma distância nos relacionamentos. Assim, desenvolvem-se as mídias digitais, que se espalharam rapidamente, justamente por atenderem essa demanda, permitindo uma ilusão de proximidade (TURKLE, 2011).

Essa dificuldade de se relacionar também é apontada por Ewald et al (2012) ao analisar as queixas mais frequentes em um serviço de apoio psicológico. As demandas mais recorrentes, segundo os autores, advém de uma insegurança nos relacionamentos que acarreta sentimentos de pânico, ansiedade, medos e depressão.

Essa dificuldade de se relacionar decorre de uma tendência na pós-modernidade que se traduz em uma dificuldade de reconhecimento do outro, reforçada pelas redes sociais, visto que há um predomínio do anonimato, ninguém precisa mais ser responsável pelas suas mensagens e declarações, segundo Han (2018). Nesse contexto, o nome é aniquilado, e, sem tempo para uma elaboração

daquilo que será postado, essa mídia torna-se uma mídia de afetos, em que o pensamento não se desenvolve.

Esses relacionamentos, atravessados pela mediação da tecnologia, fazem com que o sujeito não tenha dimensão do outro bem delimitado, uma vez que não há uma vinculação intensa por conta da falta de reconhecimento, portanto há uma ênfase no eu. Essa tendência é ainda mais reforçada pelo mundo das redes sociais, em que o sujeito pode “fazer novos amigos” e perder amigos com o clicar de um botão. Tudo isso contribui para que o sujeito tenha relações cada vez mais fluidas, e evite o confronto com o diferente, de acordo com Sant’Anna (2019). Nas redes sociais, só surge aquilo com que o sujeito se identifica, a alteridade se perde, uma vez que ela incomoda, e, nesse mundo, tudo está arquitetado para a satisfação imediata, não há espaço para o mal estar.

O ego pós-moderno emprega grande parte de sua energia da libido para si mesmo. O restante da libido é distribuído em contatos sempre crescentes e relações superficiais e passageiras. Em virtude de um fraco ‘elo de ligação’, é muito fácil retirar libido de objeto e com isso direcioná-la rumo à posse de novos objetos. (HAN, 2015, p. 93).

Dessa forma, de acordo com Han (2015), essa sociedade é caracterizada pela falta de mediação e representação, visto que essas atrasaram a disseminação de informações, sendo compreendidas como uma falta de transparência e eficiência. Assim, todos são produtores e consumidores das informações desmediatizadas, o que exige a presença. Nesse sentido, tudo deve ser comunicado com a maior rapidez possível, sem tempo para a confiabilidade das informações, que se tornam uniformizadas, prejudicando ainda mais o contato com o outro.

Desse modo, na era pós-moderna, as relações tornam-se mais uma mercadoria, assim, são usadas para trazer satisfação instantânea, uma vez que a temporalidade dessa sociedade é o presente imediato (HAN, 2018). Dessa maneira, assim que se tornarem problemas, serão descartadas e substituídas por outra mercadoria. A lógica de mercado rege toda sociedade atual, era de se esperar que também perpassasse o fator mais essencial da vida humana, os relacionamentos. Assim, há uma tentativa de conciliar a flexibilidade, típica da pós-modernidade, com algo para acalantar o sentimento de insegurança que advém da mesma, o que fica evidente pelo uso das redes sociais.

Ademais, outra questão essencial é a relação dos sujeitos pós-modernos com as redes sociais, tais que, como já mencionado, contribuem para o desenvolvimento de um narcisismo e insegurança. Segundo Han (2018), além da comunicação verbal, grande parte das transmissões de informação contam com um caráter não verbal, em que a corporeidade se faz essencial. Entretanto, as mídias digitais não permitem o desenvolvimento dessa outra dimensão, o que faz com que evitemos, cada vez mais, o contato real, pela comodidade. Nesse tipo de comunicação não há espaço para o outro se manifestar, funcionando como um espelho narcísico, e, portanto, excluindo a negatividade que daria voz para esse outro, para a alteridade.

Isso contribui para que o sujeito fique cada vez mais inserido nesse mundo digital, em que esse fica alienado na imagem que cria para os outros vigiarem, e sempre tentando alimentar essa criação, servindo como um refúgio dos problemas que deveriam ser elaborados. Assim, é criada certa comodidade, que faz com que o contato com o real seja, cada vez mais, evitado.

Ademais, a questão da confiança é algo que desaparece nos tempos pós-modernos, uma vez que, segundo Han (2018) a sociedade atual é marcada por um excesso, sendo uma sociedade do espetáculo, em que, através das redes sociais, os sujeitos se expõem voluntariamente. Essa hipercomunicação, típica do mundo digital, permite um controle total dos corpos baseado na exposição excessiva, o que faz com que as pessoas sejam vigiadas e vigilantes, ao mesmo tempo. A facilidade de adquirir informações também exclui a confiança, uma vez que a mesma consiste em um ato de fé por conta de uma falta de informações.

Nesse sentido, o contato com o outro se perde, uma vez que há uma falta de reconhecimento entre as pessoas e uma falta de confiança, por conta de um narcisismo muito grande, o que impede a formação de um NÓS estável. Dessa forma, mesmo quando as pessoas se juntam por alguma razão, é algo marcado pela volatilidade, e, portanto, não pode ser considerado uma massa, mas sim um conjunto de indivíduos singularizados. Na massa, o conjunto forma uma nova unidade, com um novo perfil, mas nesse enxame digital, os sujeitos não formam algo além da soma das partes, eles continuam os mesmos, preservam suas identidades privadas. A solidão é a marca registrada, “ela é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma” (HAN, 2018, p.33).

4.2. O excesso de positividade

Levando em consideração todas essas características típicas da pós-modernidade, Han (2015) desenvolveu a ideia de sociedade do cansaço, ou sociedade do desempenho, apontando que os desgastes atuais não provêm de uma rigidez como na modernidade, mas sim de um excesso de positividade. Nesse sentido, há uma positividade violenta que se traduz em um superdesempenho, ou seja, não é marcada pela exclusão, mas sim por um esgotamento e saturação por parte do sujeito, o que decorre de uma falta de negatividade. Assim, essa violência se mostra mais sutil, uma vez que não é desenvolvida por um outro, mas é inerente ao sistema produtivo atual.

Dessa forma, a sociedade pós-moderna não é composta por sujeitos de obediência, mas sim por sujeito de desempenho. Entretanto, não é possível afirmar que essa sociedade superou as características da sociedade disciplinar, mas sim que se articulou a elementos típicos dessa, formando uma nova composição e diferentes modos de coerção (SILVA, 2020).

Essa mudança pode ser entendida como uma forma de maximização da produção, tendo em vista que a sociedade é regida pela acumulação de capital. Dessa forma, visando aumentar a produtividade, a sociedade criou uma forma que é mais eficaz do que o dever, o poder. Levando em conta que a proibição, quando atinge seu limite tem um efeito bloqueador, a positividade ultrapassa esses limites, aumentando a produção.

Frente a isso, há uma da internalização da dominação, que faz com que o sujeito seja o “controlador de si mesmo”, em contraposição a uma dominação externa, que também se faz presente, segundo Seligmann-Silva (2011). Assim, o sujeito é esvaziado de si, e preenchido pelos desejos relativos ao trabalho, ao desempenho, o que faz com que o mesmo se explore voluntariamente, até um estado de esgotamento, que gera um isolamento das relações sociais, pelo mesmo estar sem energia e indisponível para mais investimentos mentais. Ademais, a presença das mídias digitais possibilita uma comunicação permanente, o que faz com que o trabalho invada os momentos de lazer, seguindo a lógica de mais comunicação significa mais circulação de capital.

Ademais, uma questão muito importante e essencial para compreender a sociedade pós-moderna é a busca por liberdade. Com o fim da modernidade, ou

seja, com o fim das instâncias dominadoras, esperava-se que o homem pós-moderno encontrasse a liberdade. Entretanto, conforme desenvolvido por Han (2015), essa dissolução dos limites não levou a uma liberdade, mas fez com que esta se encontrasse com a coação. Dessa forma o sujeito do desempenho acaba sendo regido por essa liberdade paradoxal, uma vez que não há uma instância dominadora, o próprio sujeito acaba se tornando o seu dominador, sendo regido pela ideologia do poder e do fazer:

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega a liberdade coercitiva ou a livre coerção de maximizar o desempenho. (HAN, 2015, p.29).

Ademais, no que diz respeito a gratificação, esse homem atual passa por uma crise, uma vez que não se relaciona de forma profunda com o outro. Com a flexibilização e dissolução de limites, não há mais um outro delimitado, eu e outro se misturam, o que faz com que o sujeito não mais de defronte com o diferente, já que esse faz parte de si, o que impede o desenvolvimento, uma vez que o encontro com esse outro é transformador.

Também é importante mencionar como ainda há uma exclusão daquilo que não condiz com essa sociedade produtiva de aparente bem estar. Desse modo, a exclusão, ou seja, a negatividade é apenas invocada em nome de uma positividade maior, assim, os sujeitos excluem aquilo que não é produtivo em nome da maximização (PINTO, 2020). O sujeito dessa sociedade é um empresário de si mesmo, ou seja, cada um deve rentabilizar ao máximo sua vida em todos os âmbitos, sendo regido pela positividade da superação pessoal.

Han (2015) também traz uma diferenciação entre amor próprio e narcisismo, sendo que o amor próprio teria um limite definido em relação ao outro, enquanto no narcisismo, que marca a sociedade atual, há uma fusão e, portanto, um não reconhecimento do outro. E, justamente, por essa fusão, o sujeito não alcança a gratificação, sendo incapaz de se sentir satisfeito, visto que a coação da liberdade e da iniciativa fazem com que ele produza cada vez mais, sempre perpassado por um sentimento de culpa e carência. Além disso, como não há esse limite em relação ao outro, o sujeito pós-moderno compete com si mesmo, sempre com o objetivo de se superar, o que apenas tem fim na morte.

Assim, esse homem típico da sociedade do desempenho se projeta nesse ideal inalcançável, e da distância entre esse e o real surge o esgotamento, a agressividade para com si mesmo, o sentimento de fracasso e autodestruição. Ele se auto explora em nome da liberdade, a vida vira uma competição interna sem sentido. O homem atual está morto demais por não ter uma relação com o outro e por sua vida não ter sentido além da produção, mas, ao mesmo tempo, vivo demais, o que fica evidente na sua hiperatividade (HAN, 2015).

Nesse sentido, Han (2015) traz uma doença típica da atualidade, a depressão, e aponta que a mesma não advém da repressão, mas sim do esgotamento, do cansaço de lutar consigo mesmo, o que é reflexo do narcisismo e incapacidade de se relacionar com o outro. Essa incapacidade decorrente da dissolução dos limites também é reforçada pelos novos meios de comunicação, que carecem de alteridade e de princípio de realidade, ou seja, ausência do outro que nos imporia essa resistência. Dessa forma, o sujeito não apresenta vínculos intensos, apenas diversas conexões superficiais com pouco investimento libidinal, já que a maior parte desse está voltado para o sujeito.

O sujeito de desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a auto erosão e ao esvaziamento. (HAN, 2015, p.91).

Diante desse contexto, o sujeito do desempenho que não aceita a negatividade, não aceita os sentimentos negativos, o que deveria gerar um conflito, mas o mesmo não tem tempo para elaborar esse conflito, uma vez que essa pausa atrapalha sua luta consigo mesmo. Aqui, entra a medicalização excessiva, que tem a função de restabelecer o funcionamento produtivo, sem que seja necessária uma atenção a esse conflito. Ademais, por conta dessa hiperatividade, de acordo com Han (2015), esse indivíduo não entra mais no processo criativo, tal que é essencial para o sujeito se entediar com a sua posição atual e se impulsionar a busca de algo novo, como fica evidente no trecho abaixo:

Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o impedia. Assim, ele será impulsionado a procurar o movimento totalmente novo. (HAN, 2015,p.35).

Também é interessante refletir que, com o surgimento da pandemia na nova COVID-19, há uma volta àquela mentalidade que Han (2015) descreve como sendo de um paradigma antigo, um retorno à imunológica, em que há um inimigo externo que deve ser excluído. Entretanto, esse regresso acabou por intensificar as questões descritas como típicas da sociedade do cansaço, uma vez que, mesmo com uma tragédia ocorrendo, os sujeitos se viram obrigados a se adaptar e retomar a uma vida “normal” no sentido da produção. Neste momento, não há limites para a produtividade, ela pode e deve ser exercida a todo momento até mesmo no conforto da casa.

Nesse sentido, houve um aumento da exploração em nome da flexibilidade e da produtividade, que exige que os sujeitos estejam sempre aptos e disponíveis a produzir, sendo que, mais do que nunca, o sujeito do desempenho é um fiscalizador de si mesmo, segundo Bittencourt (2021). Dessa forma, essa sociedade exige, que mesmo em momentos de calamidade o indivíduo produza em nome da superação individual, que, na verdade, atua como uma coerção interna, que se confunde com liberdade.

Outra questão pandêmica que evidenciou o caráter individualista e a falta de relação com o outro, são a grande quantidade de festas clandestinas ocorridas nesse período. Essas aglomerações evidenciam como os sujeitos do desempenho acabam por ficar tão focados em si mesmos, que não compreendem ou não ligam para as consequências das suas ações individuais no coletivo. Desse modo, é um sujeito do excesso, não há barreiras que limitem suas ações, tudo pode ser realizado apenas em nome do seu narcisismo (PINTO, 2020).

Portanto, diante de tudo que foi apresentado, fica evidente que a pós-modernidade com suas tendências opostas a era moderna, visava caminhar rumo a liberdade, o que acabou por gerar o efeito oposto. Essa liberdade refletida na flexibilização e na fluidez, na verdade, acaba por propiciar em um intenso sentimento de insegurança, tanto em relação ao mundo, quanto a si mesmo, visto que o sujeito não consegue estabelecer uma identidade fixa. Esse sentimento não pode ser apaziguado nas relações interpessoais, uma vez que as mesmas também são fonte importante de angústia. Essas relações, perpassadas pela lógica capitalista, são reduzidas a mercadorias, e o uso da tecnologia facilita que os vínculos sejam rompidos e formados com grande facilidade. Ademais, essa busca por liberdade combinada ao sistema capitalista acabou por ser um bom método para aumentar a

produtividade, uma vez que o sujeito se auto explora em busca de uma gratificação e em nome de uma liberdade que nunca vão chegar, já que as relações com o outro estão danificadas, e o maior explorador é o próprio sujeito.

Assim, fica evidente que a sociedade vem passando por mudanças significativas em relação aos seus valores essenciais, o que acarreta alterações em seu funcionamento, e, portanto, alterações no psiquismo dos sujeitos que compõem a sociedade. Dessa forma, frente a todas as mudanças que foram apresentadas, resta uma questão primordial, que foi desenvolvida ao longo deste trabalho: Qual o impacto dessas alterações no desenvolvimento psíquico dos sujeitos? E para que isso seja compreendido do melhor modo, é necessária a apresentação dos principais conceitos da psicologia analítica em relação à formação do psiquismo, como foi realizado no capítulo seguinte.

5 PERSONA E SOMBRA

Antes de introduzir os conceitos de sombra e persona, é necessário explicitar o funcionamento da psique segundo Jung, visando a obtenção de um maior entendimento em relação a estes. De acordo com Jung (1980), o inconsciente apresenta tanto uma causa quanto uma finalidade, sendo sua teoria baseada na conciliação entre a teoria de Adler acerca da vontade de poder, e de Freud, a teoria de Eros. Adler, parte de uma supervalorização do sujeito, enquanto Freud enfatiza a dependência em relação ao objeto, assim, Jung, a partir dessa observação, aponta para a existência da presença de aspectos contraditórios presentes em um mesmo conteúdo.

Em relação ao desenvolvimento do psiquismo, no início da vida a personalidade pode ser compreendida como uma unidade indiferenciada, ou seja, não há distinção entre interno e externo, o sujeito se encontra em participação mística com o mundo, sendo esse, uma extensão de si (STEIN, 2006). Assim, o ego nasce do inconsciente e surge como um centro organizador da consciência de modo que, para um conteúdo tornar-se consciente, é necessário que este seja reconhecido pelo ego. Além disso, o ego é de extrema importância por receber conteúdos do inconsciente coletivo, mundo externo e inconsciente pessoal, sendo que este último apresenta uma relação complexa com o ego, uma vez que este recebe conteúdos do ego e também direciona certos materiais para o mesmo.

Jung (2001) desenvolve a ideia de o inconsciente apresentar duas camadas distintas, a pessoal e a coletiva/ suprapessoal. O inconsciente coletivo é assim nomeado por não ter relação com os aspectos pessoais dos sujeitos, sendo o ponto mais profundo da psique. Este apresenta caráter universal, referindo-se a conteúdos que fazem parte de toda humanidade e é formado por estruturas denominadas arquétipos, tais que podem ser considerados como “uma espécie de aptidão para a reproduzir constantemente as mesmas ideias místicas; se não as mesmas, pelo menos parecidas” (JUNG, 1980, pp. 109). Assim, operam como tendências que impulsionam a humanidade a apresentar experiências comuns. Enquanto isso, o

inconsciente pessoal contém memórias esquecidas ou reprimidas e percepções e conteúdos que não atingiram um grau de energia suficiente para emergir na consciência, sendo onde a sombra está situada (JUNG, 1980).

Em diálogo com essa percepção acerca do inconsciente, Stein (2006) apresenta uma noção muito difundida acerca da personalidade: o fato de grande parte das pessoas reconhecer que é usual ter apenas uma personalidade, enquanto, na verdade, a psique apresenta uma composição de subpersonalidades. Para Jung (1980), o sujeito é composto por potencialidades opostas, que, justamente pela tensão advinda do conflito, geram energia psíquica, sendo que essa energia “tem o capricho de querer satisfazer suas próprias exigências” (pp.76).

Ademais, ao mencionar a questão das subpersonalidades, é evocada a ideia dos complexos, que funcionam como aglomerados de certos conteúdos dolorosos, pessoais e arquetípicos, e suas associações, que apresentam certa autonomia em relação ao ego, outro complexo. Justamente, por conta dessa independência, os complexos formam uma pequena personalidade, o que rompe com a ideia de unificação da personalidade (JUNG, 2001b). Assim, é comum que esses complexos sejam reprimidos por apresentarem conteúdos sombrios, que não condizem com a persona, o que faz com que os mesmos invadam a consciência, tomando controle momentâneo.

5.1. Sombra

Nesse sentido, a psique humana é formada por diversas estruturas (complexo do ego, complexos secundários, arquétipos, etc), dentre elas estão a sombra e a persona. É interessante ressaltar que essas estruturas complementares seguem a natureza inerente à psique de serem opostos compensatórios, no sentido de que uma apresenta o que não é desenvolvido na outra, e vice-versa (JUNG,1980).

A sombra, assim como a persona é, na verdade, um arquétipo, sendo formado por conteúdos não reconhecidos pelo ego, que por conta de alguma dissonância cognitiva ou emocional em relação ao mesmo, foram suprimidos e selecionados para comporem o inconsciente pessoal, e, portanto, não reconhecidos como conteúdos ou características pertencentes àquele indivíduo. Portanto, essa

estrutura pode ser considerada como “a face posterior do ego” (STEIN, 2006, p. 98), visto que agrupa aquilo que é rejeitado pelo mesmo.

Comumente alguns desses conteúdos da sombra são contrários às convenções sociais estabelecidas pela sociedade a qual o sujeito faz parte, ou seja, incompatíveis com o ego e a persona, uma vez que há uma tendência a reconhecermos e aceitarmos em nós aquilo que é socialmente aceito, visando uma melhor adaptação ao mundo externo. Assim, é essencial destacar que além de conteúdos reprimidos, a sombra também abriga certos conteúdos que foram selecionados conscientemente para não serem mostrados na vida social (JUNG, 2013).

Desse modo, a sombra, frequentemente, aparece como algo inferior e rejeitado, por conta de uma tendência da psique de identificação com o ego, o que leva a rejeição de aspectos que não condizem com essa instância psíquica. Ademais, é interessante refletir sobre como é, justamente, o desenvolvimento do ego que leva a formação da sombra, visto que, ao decidirmos integrar e assumir alguns conteúdos, aqueles opostos acabam sendo reprimidos e deixados de lado, o que reflete uma tendência da sociedade em explicitar a dualidade da vida como opostos que não podem coexistir. Entretanto, é essa coexistência que produz energia psíquica, ou seja, ela movimenta toda vida psíquica (HILLMAN, 1981).

Outro aspecto importante a ser mencionado é o fato de o ego não poder controlar a sombra, ela apresenta certa autonomia em suas manifestações, perpassadas pela tendência auto reguladora da psique. Entretanto, segundo Stein (2006), com certa frequência, o ego, involuntariamente, utiliza a sombra para lidar com questões desagradáveis, de modo que não entre em conflito por ter realizado atividades moralmente dissonantes com seus valores. Isso ocorre por conta de defesas que operam no ego para que não haja um reconhecimento da sombra, uma vez que essa seria considerada maligna e imoral. A esses conteúdos são atribuídas noções perversas, portanto, esse arquétipo da sombra acaba por operar de forma inconsciente, satisfazendo suas necessidades de uma forma aceitável socialmente.

De acordo com Byington (2019), a sombra, muitas vezes considerada como a sede do mal, contém diversos conteúdos e símbolos essenciais para vida, uma vez

que o contato com a mesma poderia levar a um maior grau de desenvolvimento psíquico. Há grande dificuldade de reconhecer esses conteúdos sombrios, pois esses estão fixados com a noção de Mal pela concepção egóica. Entretanto, a sombra deve ser devidamente reconhecida e considerada para que a alienação nesse “mal” seja desconstruída, levando a psique em direção à totalidade.

Entretanto, Hillman (1981) traz uma questão importante em relação a sombra e a ao seu não reconhecimento: a sensação de estranheza que pode aparecer quando os conteúdos sombrios ganham força o suficiente para inundar a consciência. Isso pode fazer com que o sujeito acabe traindo a si mesmo ao agir de forma contrária a suas crenças e valores de modo não intencional.

Além disso, Samuels (1986) apresenta o fato de que diversos acontecimentos destrutivos como guerras, perseguições, epidemias psíquicas, etc, evidenciam uma unilateralidade da consciência. Ou seja, explicitam uma tendência da sociedade de excluir alguns aspectos, o que faz com que os mesmos se manifestem de forma intensa, como nos casos citados acima.

Desse modo, por conta desse não reconhecimento, há uma impossibilidade de acesso direto aos conteúdos sombrios, visto que se encontra no inconsciente pessoal, portanto, o contato com ela ocorre de forma indireta através de projeções feitas no mundo externo. Segundo Stein (2006), essa projeção é realizada em pessoas que apresentam traços relacionados ao conteúdo que o indivíduo abomina e não reconhece, e o contato com essas pessoas gera uma mobilização extremamente negativa, visto que o confronto com a sombra, ou seja, com aquilo que abominamos e que querendo ou não faz parte de nós, é algo desagradável e às vezes até mesmo insuportável.

Entretanto, essas projeções que desencadeiam sentimentos desconfortáveis podem ser vistas de maneira positiva, quando consideradas como meio de obtenção de um maior desenvolvimento psíquico. Esse aspecto positivo surge quando, ao se deparar com uma mobilização negativa muito intensa, o indivíduo é capaz de refletir acerca da razão do desencadeamento de sentimentos negativos, o que faz com o sujeito busque reconhecer o que pertence a ele, que está sendo negado e atribuído ao outro. No momento em que isso ocorre, o indivíduo possibilita o reconhecimento

de conteúdos inconscientes pelo ego, o que leva a integração dos mesmos na consciência, e, muitas vezes, aquele conteúdo considerado assustador e maligno, na verdade, não é tão ruim quanto o sujeito imaginava, de acordo com Stein (2006).

A integração da sombra constitui um problema psicológico e moral extremamente espinhoso. Se uma pessoa rechaça completamente a sombra, a vida correta, mas terrivelmente incompleta. Ao abrir-se para a experiência da sombra, entretanto, uma pessoa fica manchada de imoralidade, mas alcança um maior grau de totalidade. (STEIN, 2006, p.101).

Outro aspecto essencial em relação às projeções é o fato de essa ação evidenciar certa dissociação psíquica, uma vez que aquilo que é inaceitável para o sujeito acaba por ser atribuído a algo do mundo externo, como se fosse alheio a quem realizou a projeção (SAMUELS, 1986). Desse modo, é essencial que o que foi projetado seja reintegrado, para que assim, essa projeção possa propiciar algum tipo de desenvolvimento psíquico, como foi explicitado acima.

Por mais que a integração leve o sujeito ao caminho da totalidade, é essencial apontar que essa totalidade funciona como uma meta para psique, ou seja, a sombra nunca será erradicada. Desse modo, na psicologia analítica fala-se de um confronto com a sombra e não em um extermínio dela.

Ademais, de acordo com Von Franz (1985), outras dificuldades relacionadas à integração dos aspectos sombrios, dizem respeito a uma exigência de readaptação. Isso ocorre, pois a integração da sombra envolve a abdicação de alguns ideais, ou seja, implica em um abalo na identidade do sujeito, que deve tentar se reestruturar, reconhecendo o que era anteriormente negado. Nesse sentido, é preciso que haja uma reestruturação da persona, termo que será desenvolvido abaixo.

5.2. Persona

Em relação a persona, Jung se atenta a esse conceito ao notar as diferentes atitudes dos sujeitos europeus do século XX, em ambientes domésticos e no mundo público. Através dessa observação, fica evidente uma mudança, às vezes brusca, de personalidade, o que pode ser explicado através do conceito de persona, que

também é um arquétipo, e em conjunto com a sombra, forma algo chamado dualidade arquetípica, uma vez que são opostos quase exatos.

Ela apresenta o papel social, sendo aquilo que o indivíduo permite que o mundo veja, desse modo é como uma máscara da psique, utilizada com o intuito de proteger o indivíduo e, ao mesmo tempo, se relacionar com o mundo externo. Ela é resultante dos processos de aculturação, educação e adaptação, sendo "... o rosto que usamos para o encontro com o mundo social que nos cerca" (STEIN, 2006, p. 98). Sendo assim, a persona é essencial para o processo de socialização, o que envolve a priorização de algumas condutas em detrimento de outras, o que resulta na formação tanto da persona quanto da sombra (VON FRANZ, 1985).

Também é importante ressaltar que a persona funciona como uma película entre o mundo externo e o ego, sendo composta por expectativas externas e objetivos individuais. Essa "pessoa pública" utilizada nas interações sociais forma, em conjunto com o ego, a identidade psicossocial, entretanto, é essencial destacar que o ego não se resume a ela, sendo a persona, até certo ponto, alheia ao centro organizador da psique, segundo Stein (2006). Assim, a persona é resultante da sensibilidade humana aos ambientes sociais, e apresenta como objetivo orientar o sujeito ao meio social, o que envolve o processo de imitação e reprodução de estereótipos sociais e culturais, sendo um compromisso entre indivíduo e sociedade.

"... ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva." (JUNG, 2015, pp. 245).

Uma questão importante de ser mencionada é a possibilidade de ocorrência de um enrijecimento da persona, levando a identificação do ego com a mesma, o que ocorre com mais frequência em personas valorizadas pela sociedade, sendo impulsionada pela ambição social, dificultando o processo de integração de conteúdos inconscientes na consciência. Isso ocorre, pois mesmo o ego apresentando um núcleo arquetípico, ele está sujeito a influências externas, por ser também pessoal e individual. Assim, quando a identificação ocorre, o lado

arquetípico do ego é colocado em segundo plano, nunca excluído, e, portanto, o sujeito torna-se dependente daquela persona (JUNG, 2015).

Nesse sentido, é interessante apontar que diversas personas são construídas e desconstruídas durante toda vida. Assim, não se refere a algo estático, sendo que a fixação em uma persona específica constitui um importante problema para o desenvolvimento psíquico. Desse modo, tal fixação faz com que o sujeito fique preso apenas em orientações externas, não dando a devida importância para seus aspectos internos, ou seja, deixando de lado conteúdos não desenvolvidos (SAMUELS, 1986).

É essencial destacar o movimento de conflito existente entre o ego e a persona, uma vez que, o ego apresenta uma tendência à individuação e separação, o que é impulsionado pelo si mesmo, ao mesmo tempo que tem um movimento de adaptação e fixidez, visando uma estabilidade. Assim, é nesse segundo movimento que a persona ganha forças, impulsionando o sujeito a adaptação e prezando pelo bem estar no grupo. Desse modo, muitas vezes, a tendência à separação é compreendida como algo sombrio, segundo Stein (2006), visto que vai de contramão com a persona.

Dessa maneira, o desenvolvimento da persona traz dois problemas potenciais: a identificação com a persona (sujeito é regido pelas tendências externas), e uma falta de sensibilidade ao mundo externo, o que leva a uma formação não eficiente da persona. Essas questões envolvem de forma típica o processo de adolescência, que pode ser marcado por dois extremos, sendo eles um foco muito grande no interno, o que leva a fantasia de invencibilidade, ou uma atenção em demasia às expectativas do outro. É interessante destacar que todos os tipos psicológicos desenvolvem a persona, tanto introvertidos, quanto extrovertidos. Entretanto, há uma maior facilidade dos extrovertidos na execução desse processo, uma vez que há um movimento mais voltado aos objetos externos (STEIN, 2006).

Outro fator importante diz respeito à transformação da persona, processo que se mostra essencial para que o sujeito possa se adaptar a diferentes contextos da melhor forma possível. Entretanto, algumas pessoas acabam por sempre carregar a mesma máscara para diferentes situações, o que pode acarretar interpretações

errôneas do contexto atual, uma vez que esse é enxergado a partir de uma situação passada (STEIN, 2006).

Diante de tudo que foi apresentado, fica evidente a oposição quase exata entre a persona e sombra, o que leva a uma dificuldade do reconhecimento dos aspectos sombrios. Entretanto, essa integração é essencial para o melhor funcionamento da psique, uma vez que ela ocasiona no desenvolvimento de potencialidades antes mal desenvolvidas, possibilitando uma manipulação construtiva dessas. Além disso, quanto mais um conteúdo é reprimido, mais energia ele ganha, o que acarreta diversas invasões advindas do inconsciente na consciência, o que pode ser entendido através do mecanismo de compensação, que acabam por desencadear fortes reações emocionais e descontrole. Esse processo parece ser algo simples, mas na realidade constitui um dos maiores desafios para o processo de desenvolvimento psíquico, ou seja, para a individuação, uma vez que envolve a conciliação consciente entre aspectos individuais (sombra) e de adaptação ao mundo social (persona) (JUNG, 1994).

Com base no que foi apresentado acerca dos termos sombra e persona desenvolvidos por C.G. Jung e o no que foi exposto no capítulo que aborda as questões relativas à pós-modernidade que se constitui como uma sociedade do cansaço, a seguir será apresentada a visão da Psicologia Analítica acerca das dependências de substância. Essas foram explicadas como uma questão relativa aos conceitos acima trazidos, e relacionadas com uma tendência da sociedade a reprimir aspectos considerados improdutivos, tendo em vista a meta de lucratividade e produtividade do sistema capitalista, o que resulta em uma explosão de conteúdos sombrios, sendo a dependência uma expressão disso.

6 AS DEPENDÊNCIAS SEGUNDO A PSICOLOGIA ANALÍTICA

6.1. O consumo de substâncias

De acordo com Ribeiro (2012), desde os primórdios da humanidade, as drogas foram utilizadas como forma de transcender em relação à vida cotidiana, ou seja, um modo de entrar em contato com o numinoso. Segundo o autor, as drogas tiveram importante papel relacionado a estruturação e modulação do psiquismo humano, uma vez que sua utilização promove certa adaptação ambiental, sendo assim, esse consumo apresenta importante papel na evolução da humanidade. É possível inferir que o início do consumo de substâncias se deu com as plantas psicoativas que funcionam como “um repositório natural de neurotransmissores, um modo rápido e prático para renovar a energia e para auxiliar a adaptação ao ambiente natural e suas idiosincrasias, muitas vezes hostis” (p. 48). Esse efeito pode ser estendido ao álcool, uma vez que essa substância também promove alterações cerebrais, sendo usada, muitas vezes, como um refúgio em relação à realidade concreta.

Desse modo, partindo dessa visão, pode-se considerar o comportamento do consumo de substâncias como sendo quase arquetípico, algo que está nas raízes da humanidade. Desde a pré-história até a antiguidade, esse uso era feito como uma forma de contatar o numinoso, e, portanto, facilitava o contato com o inconsciente de modo que esse não se mostrasse tão ameaçador, o que gerava, conseqüentemente, um fortalecimento do ego. Assim, o consumo dessas substâncias constituiria um problema quando passasse de uma forma de contato com o sagrado para algo que gerasse esvaziamento e diluição egóica (RIBEIRO, 2012).

De acordo com esse mesmo autor, com a evolução da sociedade, essas substâncias psicoativas se distanciaram da sua função adaptativa e passaram a ser meros produtos comercializados. Desse modo, passaram a ser considerados apenas em sua função de alteração da consciência, sendo um produto focado apenas no ego, e não mais na possibilidade de contato entre as polaridades conscientes e inconscientes, o que configura o consumo como simbólico.

Por conta disso, os excessos do consumo de substâncias, até um pouco depois do advento da ciência moderna, no século XVIII, eram compreendidos como uma questão de ordem moral e puramente egóica, como uma escolha consciente de consumo. Entretanto, com o aumento deste e, portanto, aumento dos casos de abuso, alguns cientistas começaram a buscar explicações para tais fenômenos. Benjamin Rush, famoso psiquiatra do século XVIII introduz a teoria de que a embriaguez começaria como uma escolha, mas que, posteriormente se tornaria uma necessidade, ele afirmava que haveria uma paralisia da vontade que ficaria submetida ao desejo. Em 1849, o termo “alcoolismo crônico” é utilizado pela primeira vez, e assim, gradualmente, o uso excessivo de álcool e suas consequências passam a ser considerados como uma doença multifatorial, e não relacionada a questões morais e à vontade consciente (RIBEIRO, 2012).

Nessa mesma linha, Silveira Filho (2002), aponta que a partir da segunda metade do século XX ocorre o que se pode nomear de “democratização das drogas”, assim, há um aumento do consumo e uma diminuição do preconceito em relação aos seus usuários. Desse modo, o que distinguiria o dependente de um usuário comum é, justamente, o fato de o mesmo não consumir a droga por desejo, mas sim pela impossibilidade de não a consumir, uma vez que ela funciona como um aparato psíquico de homeostase, e de resgate de uma identidade que mascare a fragilidade, mesmo que negativa. Essa identidade negativa diz respeito a uma identificação do sujeito com a sombra da sociedade, assim, ele explicita a improdutividade e falta de controle, o que é abominado na sociedade capitalista.

Ademais, outra questão que perpassa o uso das substâncias é a transgressão de lei, que, muitas vezes, ocorre por um descaso com as normas sociais decorrente de uma priorização da lei do consumo daquela substância. Ou seja, não é como se o sujeito escolhesse transgredir, mas ele está tão imerso na lei do vício que não repara no que ocorre à sua volta (SILVEIRA FILHO, 2002)

Assim, em diálogo com o que foi apresentado, fica evidente que a dependência começa a ser compreendida a partir de seus fatores biológicos, psíquicos e sociais, sendo considerada como uma condição multicausal que se desenvolve entre o sujeito é algo que proporciona prazer e alívio de sofrimento, sendo assim, esse uso pode ser considerado como uma forma de compensar uma falta de estrutura do ego para lidar com conflitos. Nesse sentido, seria uma forma de

se livrar de si, uma vez que, cada vez mais, o sujeito vai se esvaziando e sendo controlado apenas pelo desejo e incapacidade de não fazer uso (RIBEIRO, 2012).

De acordo com Fortim e Araújo (2013), a dependência é uma das questões que definem nossa era, o que é evidenciado pelo aumento do uso de substâncias, e, conseqüentemente, o aumento do vício em relação às mesmas. Elas apontam que não há uma interpretação única na psicologia analítica em relação a esse fenômeno, tal que é explicado através de 4 pilares principais: o arquétipo do herói negativo, dinamismo apolíneo e dionisíaco, sombra e persona e relação com o dinamismo matriarcal. É interessante ressaltar que mesmo com a existência de diferentes explicações, todas apresentam em comum o fato de esse comportamento ser uma forma mal sucedida de lidar com a vida, seja em relação aos seus fracassos quanto aos sucessos.

Assim, a dependência estaria ligada a uma falha no desenvolvimento psíquico, o que ocasionaria em um ego fragilizado e insuficientemente preparado para lidar com frustrações e conflitos, o que está relacionado com as primeiras relações do sujeito com as figuras parentais. Desse modo, o nível da dependência estaria relacionado com o grau de desenvolvimento atingido, sendo que a falta desse levaria a uma maior vulnerabilidade, por conta de uma falta de confiança e autonomia. Dessa forma, a dependência surgiria “secundariamente à impossibilidade de lidar com a realidade. Inicialmente ela oferece uma solução escapista, que culmina na formação do ‘duo indissociável indivíduo-droga’ ou do ‘complexo sombra-toxicomania’ (RIBEIRO, 2012, p. 310).

Essa variedade de explicações está relacionada com o fato de que não é possível identificar uma “personalidade do dependente”, dada a grande diversidade de fatores que podem favorecer o surgimento da mesma, o que inviabiliza o diagnóstico preventivo (BATISTA, 2002).

Nesse sentido, segundo Silveira Filho (2002), na categoria de farmacodependências estão incluídos diversos tipos de pessoas, inseridas em situações muito divergentes entre si. Assim, é essencial considerar o fenômeno da dependência levando em conta a substância psicoativa, o sujeito e o contexto em que o mesmo está inserido.

Diante dessas diferentes explicações, visando a compreensão do fenômeno em questão, o presente trabalho segue a concepção que considera as dependências, com ênfase no alcoolismo, como uma questão relacionada ao

desenvolvimento da sombra e da persona em uma sociedade que tende a reprimir aspectos improdutos, o que dialoga com sociedade do desempenho descrita por Byon Chul Han (2015).

6.2. Alcoolismo e sua relação com a sombra e a persona

De acordo com Schoen (2009), Jung em suas obras não chegou a desenvolver um olhar claro sob as dependências sejam elas químicas ou comportamentais, entretanto, em uma passagem, ele afirma que a o alcoolismo estaria relacionado com uma necessidade do ser por uma totalidade, ou seja, pelo contato com o Self. Isso estaria relacionado com um senso de baixa autoestima e a uma falsa sensação de conexão com o Self, sendo esta, a razão da manutenção do comportamento de dependência, tal que promove a manifestação da sombra pessoal, que é reprimida e negada em estados de não alteração da consciência.

Dessa forma, durante os períodos em que o sujeito está sob efeito do álcool, há a manifestação de aspectos advindos da sombra, tais que são reprimidos na vida sóbria, por não corresponderem com a persona, e, portanto, com os valores da sociedade. Assim, o consumo de álcool seria um mecanismo que promoveria um contato com a sombra, mas que, por estar muito energizada pela repressão, geraria uma inundação na consciência.

Outro fator essencial diz respeito ao desenvolvimento de um sentimento de onipotência durante o consumo, uma vez que há uma falsa identificação do ego com a totalidade, o que é ocasionado pelo contato com aspectos inconscientes antes reprimidos, o que se alterna com sentimentos de fragilidade e descontrole nos momentos de sobriedade. Assim, Jung (2011b) em “Tipos psicológicos”, considera o alcoolismo como um problema espiritual, uma vez que o sujeito estaria atrás de um sentimento de completude e união, o que pode ser comparado a experiências religiosas de conexão com Deus. Ademais, afirma que essa seria uma questão mais comum naqueles com personalidade extrovertida, uma vez que o uso do álcool promoveria uma super adaptação à realidade externa.

Nesse sentido, segundo Batista (2002), a dependência seria uma expressão de uma necessidade de aproximação do Self, sem o fortalecimento do ego, o que ocasionaria em um sentimento de onipotência pela ocorrência de uma sensação de identificação com esse arquétipo primordial. Desse modo, frente a uma sensação de

impotência, o alcoolista tenta buscar um equilíbrio através do consumo de álcool. O polo impotência-onipotência se faz parte primordial da formação da identidade adulta, entretanto, se apresenta de forma exacerbada no dependente, em que a impotência é insuportável.

De acordo com Silveira Filho (2002), para o dependente, a substância passa a desempenhar um papel central, o que faz que o sujeito se afaste de outras atividades e pessoas que não tenham relação com seu hábito de consumo. Assim, esse hábito passa a ser essencial para o psiquismo do sujeito, que depende dele para atingir a homeostase. Desse modo, o dependente seria alguém que não consegue lidar tanto com a realidade objetiva quanto com a subjetiva, e não vê perspectivas de mudanças, o que leva a um sentimento de impotência e fracasso, que é mascarado pelo consumo de álcool.

É essencial que seja feita uma diferenciação entre o uso recreativo de drogas e as dependências, uma vez que em ambos casos, o uso ocorre por uma busca de prazer. Dessa forma, o que é distinto é o fato de que na dependência, a substância adquire papel central na vida do sujeito até ser indispensável para o funcionamento psíquico, uma vez que cobre lacunas na vida do mesmo, proporcionando um equilíbrio, uma vez que promove a manifestação de aspectos sombrios antes negados (SILVEIRA FILHO, 2002).

Segundo Schoen (2009), há dois requisitos principais para considerar um comportamento como de dependência, sendo o primeiro que a substância deve tornar-se central na vida do sujeito, e segundo que deve ser algo destrutivo que confronta o sujeito com a morte, e, portanto, com a possibilidade de renascimento. Assim, para que isso ocorra, deve haver uma super identificação do sujeito com sua persona, o que leva a uma negação da sombra, sendo a dependência uma forma mal sucedida de lidar com o estresse que a presença da sombra gera, ocasionando no sentimento de onipotência durante o consumo por conta do contato com a vida simbólica que é negligenciada. Essa seria uma tentativa mal sucedida, uma vez que acaba por tornar o sujeito um escravo desse consumo, e ainda promove a invasão de conteúdos da sombra na consciência, assim, não cumpre seu objetivo.

Dessa maneira, de acordo com Schoen (2009) esse comportamento seria, como já foi apontado, um modo da psique buscar homeostase, permitindo a manifestação de aspectos sombrios, o que desperta a sombra arquetípica, que, aos poucos, toma conta de toda psique, deixando o sujeito como um escravo de vício,

que vive apenas para mantê-lo, o que dialoga com a ideia de Silveira Filho apontada acima de que a substância passa a ser central e estruturante na vida do sujeito.

Schoen (2009) aponta que o desenvolvimento das dependências ocorre em 5 etapas principais, sendo a primeira o alinhamento do ego/persona com um Self falso, o que indica uma identificação do ego com uma persona, gerando uma alteração no senso de identidade do sujeito que surge como uma tentativa de afastar a sombra. Após isso, ocorre o desenvolvimento da sombra pessoal, tal que é intensificada por conta da unilateralização da consciência. Essa postura faz com que os conteúdos sombrios ganhem cada vez mais energia e invadam a consciência, o que leva ao estágio de introdução do comportamento toxicomaniaco-potencial.

Esse comportamento é marcado pela busca de descarga de tensão através de atividades repetitivas e imediatistas. Sendo assim, a manutenção dessa conduta leva a criação do complexo sombra-toxicomania, uma vez que esse comportamento toxicomaniaco permite a manifestação da sombra, que passa a interferir no controle egóico. Por fim, a quinta etapa indica uma tomada de controle da psique pelo complexo sombra-toxicomania, uma vez que este passa a ser a força mais influente da psique, o que faz com que o sujeito seja controlado pelos desejos relacionados a toxicomania, sendo essa sua prioridade de vida.

Assim, segundo Addenbrooke (2011), nesse fenômeno, haveria uma dificuldade de aceitação da sombra, de modo que a dependência serviria como um mecanismo de defesa contra os aspectos sombrios, mas que acaba por promover a manifestação desses. Essa necessidade de defesa estaria relacionada com aspectos da infância, em que a criança sofreu situações de grande angústia. Tais situações dificultam a instauração de uma relação de confiança com o mundo, sendo o uso de substâncias um meio de afastar esses sentimentos e lidar com a mediocridade da vida.

Desse modo, o consumo de álcool seria uma forma de aliviar a tensão causada pela presença da sombra, em indivíduos muito identificados com a persona. Entretanto, ao mesmo tempo que o consumo promoveria tal alívio, ele também enfraqueceria as defesas do ego, de modo que facilitaria a manifestação dessa sombra. Assim, a manutenção desse comportamento ocorreria por uma necessidade da psique de entrar em contato com os aspectos sombrios, levando a um certo equilíbrio. Ademais, essa manutenção também tem relação com o sentimento de onipotência durante o período em que o sujeito está alcoolizado, o

que ocorre por conta de uma sensação de contato com a totalidade, ou seja, com os aspectos inconscientes.

6.3. As dependências e o “vício em perfeição”

Ainda com base nos arquétipos da sombra e da persona Woodman (2002), aponta que há na sociedade um vício por perfeição que impossibilitaria a manifestação dos aspectos sombrios, uma vez que há uma demanda de sempre manter uma persona impecável, o que é impossível. Nesse sentido, o comportamento de vício seria uma resposta a essa rigidez, permitindo a manifestação daquilo que é negligenciado. Nesse sentido, a dependência também pode ser compreendida como um símbolo, uma vez que une aspectos inconsciente e conscientes, visando a integração de partes negligenciadas da personalidade

Em sua obra, “O vício da perfeição” publicada pela primeira vez em 1982, Woodman enfatiza a questão dos distúrbios alimentares, entretanto, deixa claro que as dinâmicas psíquicas envolvidas no desenvolvimento desses sintomas podem ser estendidas para outros vícios e compulsões, patologias tão comuns na pós modernidade. Assim, ela traz a questão da sombra como essencial nesse processo, uma vez que a geração pós moderna ignorou tanto esse arquétipo até o ponto de mal saber de sua existência, o que faz com que a mesma se manifeste cada vez com mais intensidade. Desse modo, a tentativa de lidar diretamente com ela deve ser descartada, visto que ela se encontra muito energizada, sendo esse problema entendido como algo típico da era pós-moderna.

Essa repressão dos aspectos sombrios está relacionada com a cultura patriarcal predominante, que prioriza a ordem e perfeição, o que não pode ser atingido, uma vez que deve haver um equilíbrio entre os pólos, o extremismo pertence aos deuses, os humanos não conseguem sustentar essas posições (WOODMAN, 2002).

Ainda segundo essa autora, os “viciados” geralmente ocultam essa sombra imperfeita por trás de uma máscara de pessoas bem-sucedidas, parecem, conscientemente, terem o controle de tudo, porém, inconscientemente surgem comportamentos que não podem ser controlados, como o comer ou beber, por exemplo. Esse vício gera um fascínio no sujeito de modo que há uma grande mobilização para aquela atividade, o que é explicado através de uma sensação de

contato com o Self. Ele odeia e ama tudo que envolve seu vício, até que sua vida fica resumida apenas aquilo, há um estreitamento. Diante disso, é possível refletir onde o ego se encontra, mas esse ego está lá, paralisado e tomado pelas forças inconscientes, sem força o suficiente para combatê-las e integrá-las, como fica claro no trecho abaixo:

Seu “eu” está possuído por algum demônio sobre o qual não tem o menor controle. Esse demônio que, de dia, enverga as máscaras da respeitabilidade mostra a verdadeira cara à noite.(WOODMAN, 2002, p.18).

Assim, Woodman (2002) aponta para uma busca por equilíbrio que poderia devolver ao ego certo controle e fortalecê-lo, caso o mesmo tentasse integrar esse “demônio”, sendo que a vida estaria baseada nessa busca de equilíbrio entre as forças femininas e masculinas, de modo que a identificação com uma força leva a inundação da outra. Diante disso, mostra-se importante distinguir essas duas forças. Enquanto o masculino é orientado pela ordenação e metas que não atingidas através de uma grande energia de vontade e disciplina, o feminino representa e flexibilidade e a leveza, sempre se apresentando de forma lúdica, demonstrando o amor à vida .

Atualmente vivemos em um mundo patriarcal, uma vez que há grande ênfase na produtividade e metas, mas que distorce e se utiliza da energia feminina para explorar cada vez mais os sujeitos. Portanto, a flexibilidade existe e se mostra como um imperativo essencial da pós-modernidade, mas é apenas evocado em nome do patriarcal, do cumprimento de metas e aumento da produtividade, de modo que:

Como Jung assinalou, estamos tão ocupados em afazeres e metas a alcançar que perdemos o contato com nossa vida interior, com essa vida que confere significado aos símbolos e, por outro lado, cria símbolos que dão sentido à vida. (WOODMAN, 2002, p.27).

Woodman (2002), aponta para como a cultura ocidental vem sendo invadida pelo fenômeno dos vícios orais, o que pode ser associado a uma resposta à sensação de término, acarretada pelas notícias e acontecimentos destrutivos. Juntamente, há uma desconstrução daquelas instituições que antes proporcionam segurança, o que intensifica essa sensação. Assim, os compulsivos, frente a essa insegurança, não focam no presente insuportável, mas vivem na fantasia daquilo que poderia ter sido, sendo que a lacuna entre o que é e o que poderia ser, é

preenchida com suas compulsões. Outra questão essencial dessa era tecnológica, é o afastamento dos instintos, já não se confia mais nas percepções do corpo, este é reduzido a objeto da medicina, de modo que há uma grande dissociação entre corpo e psique, o que leva ao aparecimento de sintomas como forma de denúncia desse padrão.

Nesse contexto, os vícios trazem sensações de euforia e participação que se contrapõe ao isolamento típico da época pós-moderna, sendo que há o desencadeamento de sensações de desespero quando os vícios deixam de proporcionar esses sentimentos, o que dialoga com o que já foi mencionado anteriormente acerca do polo onipotência-impotência presente nas dependências.

A autora considera que a sociedade está em um momento de transição de padrões arquetípicos. Assim, até o momento atual, a sociedade estaria sendo sustentada por um padrão patriarcal rígido, o que leva a constelação do padrão oposto, ou seja, o feminino no inconsciente coletivo social. Desse modo, esses vícios orais podem ser considerados como uma forma de compensação do padrão masculino rígido e perda dos simbolismos sociais. Frente a isso, os vícios podem ser associados a uma falta coletiva de sustentação das necessidades espirituais individuais, o que dialoga com a ideia de Jung que considera o alcoolismo como uma patologia do espírito, que só poderia ser combatida quando o lado espiritual fosse devidamente alimentado.

Com esse foco nas questões materiais, espiritualidade fica em falta, o que faz com que, de acordo com Woodman (2002), as pessoas comecem a projetar esse poder numinoso do Self em objetos pessoais, o que reveste esses objetos de um poder magnético. Por conta dessa projeção, o consumo traz uma sensação de participação mística. Há também uma renúncia da responsabilidade, o que impede que o sujeito perceba suas condutas autodestrutivas, o que é mascarado por uma tentativa de gratificação momentânea. Desse modo, fica evidente uma fragilidade egóica nesses sujeitos, uma vez que há uma inundação inconsciente que retira o controle do eu:

"Em termos psicológicos, sua energia está trancada num complexo, uma área tabu ao mesmo tempo proibida e magnética, aterrorizante e numinosa. Periódica ou regularmente, essas pessoas são compelidas a entrar em contato com essa energia assombrosa em seu interior." (WOODMAN, p. 42).

Geralmente, essa falta de controle típica das compulsões está relacionada com a oscilação de energia de um pólo para outro, por conta de uma unitalizerzaicao da consciência, o que é denominado enantiodromia. Quando essa inversão ocorre, o ego perde seu controle e é invadido por aquelas questões inconscientes que tanto reprimia. O medo despertado pela ameaça de contato com os aspectos sombrios proporciona essas condutas, que, na verdade, acabam por propiciar essas invasões sombrias. Assim, é preciso que o ego reconheça sua impotência frente ao vício, para que mudanças sejam possíveis (WOODMAN, 2002).

Enquanto esse reconhecimento do ego não ocorrer, ele não se fortalecerá, e, portanto, o ritual da compulsão continuará a ocorrer. Esse fortalecimento leva a uma maior flexibilidade egóica que possibilita um maior equilíbrio psíquico, assim, não há necessidade de um movimento compensatório tão intenso visando a auto regulação que leva a conduta alcoolista, por exemplo.

Nesses rituais solitários em busca da espiritualidade, há grande risco do ego se identificar tanto positiva, quanto negativamente com a força arquetípica, o que leva a uma inflação. A psique que se utiliza de tais mecanismos em busca de totalidade tem como característica um medo intenso e persistente, que precisa ser enfrentado e identificado como padrão devorador, para que haja libertação.

A busca pela perfeição pode justificar esse padrão devorador, uma vez que o sujeito deixa de viver em nome dessa busca impossível, visto que a perfeição pertence aos deuses, e não aos humanos. Essa busca por perfeição fica evidente quando toda energia psíquica se concentra em apenas um aspecto da personalidade, ao invés de ficar distribuída, sendo que a obsessão expressa essa fixação da personalidade em um aspecto da vida .

Nessa mesma linha, Batista (2002), traz o fenômeno da dependência como decorrente da formação de uma sociedade muito focada no mundo externo que exige a formação de uma persona rígida para suprir as demandas de produtividade. Assim, a humanidade desvia-se, cada vez mais, do seu mundo interno simbólico, afastando-se de sua essência. Diante disso, há uma negligência dos aspectos sombrios, que acabam sendo projetados naqueles que não seguem esse ritmo produtivo, resultando em uma exclusão de marginalização desses, o que engloba os alcoolistas.

Nesse sentido, o dependente seria parte da sombra desse sistema, uma vez que nega participar do pacto pela produtividade e positividade, representando uma

falta de controle. Sendo assim, é essencial que a sociedade enxergue esse fenômeno, não como sendo externo a ele, mas como uma consequência da unilateralização focada na produção e no externo. Assim, o homem pode ser compreendido como “um micro sistema, inserido em um sistema maior, caminha em seu processo de desenvolvimento e proporciona o desenvolvimento da civilização” (BATISTA, 2002, p. 75). Desse modo, para que houvesse uma mudança nos padrões sociais, seria essencial uma alteração em como cada uma lida com a própria sombra, tal que deve ser olhada e integrada, e não negligenciada.

6.4. Apolo e Dionísio

Outra interpretação desse fenômeno que dialoga com as questões relativas a sombra e a persona, parte do dinamismo entre Apolo e Dionísio. Esses podem ser compreendidos como um par de opostos complementares, que buscam o equilíbrio seguindo a tendência de auto regulação psíquica. Essa interpretação dialoga com as questões relativas à sombra, uma vez que é possível observar que na sociedade atual há uma tendência apolínea que acaba por fazer com que os conteúdos dionisíacos fiquem na sombra. Desse modo, o alcoolista seria um sujeito que reprimiu tanto tais conteúdos, o que resultaria em uma manifestação deles por meio do consumo excessivo de álcool, tal que proporciona o contato com a sombra, ao mesmo tempo que é expressão da necessidade de um equilíbrio entre esses polos.

Apolo, de acordo com a mitologia grega, tem sua origem nobre, sendo criado desde seu nascimento com ambrosia, sem contato com alimentos advindos da natureza. Como uma divindade solar, trouxe harmonia e luz para o mundo. No sentido psicológico, este Deus representa as forças civilizatórias e sua moderação, sendo assim, representa o ego e seu fortalecimento e centralidade. Enquanto isso, Dionísio, em contraposição a Apolo, representa o excesso, as festas e estados alterados de consciência. Sua natureza é tanto humana quanto divina, assim, reúne o sagrado e o profano. Ademais, cresceu rodeado da natureza, sendo ligado às forças mundanas. Psicologicamente, esse Deus representa uma força vital que pode ser utilizada tanto para ampliação quanto aniquilação da consciência (RIBEIRO, 2012).

Nesse sentido, de acordo com Bauer (1982), no fenômeno das dependências haveria uma invasão na consciência dos aspectos dionisíacos que se encontram na

sombra. Sendo assim, essa manifestação teria relação com a auto regulação mencionada, uma vez que visaria a introdução dos aspectos dionisíacos, comumente negados na sociedade que preza pelo trabalho e produtividade. Assim, “O álcool seria uma ponte para um mundo onde tudo pode acontecer, onde não é necessário manter a persona e é possível assumir “um outro eu” (FORTIM e ARAÚJO, 2013, p. 4).

Desse modo, inicialmente, o sujeito entraria em contato com o lado libertador e prazeroso da polaridade dionisíaca, entretanto, logo essa libertação se transformaria em uma prisão nesta polaridade, levando a destrutividade. Essa libertação seria em relação a persona rígida do dia a dia, que não valoriza as questões prazerosas, ficando focada no dever. É importante apontar que tal vivência dionisíaca se mostra essencial quando experimentada com moderação, visto que proporciona um contato com a criatividade e leveza (FORTIM e ARAÚJO, 2013).

Nessa mesma linha, Trento et al. (2021) traz a importância da integração e coexistência desses pólos opostos, uma vez que, quando isso não ocorre, o polo dionisíaco pode surgir na psique de forma muito intensa, manifestando “emoções selvagens, incapazes de se vincularem à realidade do corpo” (p. 6). Desse modo, essa experiência apresenta dois pólos, de autonomia e liberdade, e aprisionamento e subordinação, como mencionado acima. Enquanto isso, o polo apolíneo representa o equilíbrio, harmonia e perfeição, o que pode levar a instauração de uma grande rigidez, se o polo dionisíaco não for levado em consideração. Quando isso ocorre, há um predomínio de vivências em que o desejo é negligenciado.

Diante disso, fica evidente que há uma tendência na sociedade do cansaço em que vivemos de privilegiar aspectos relacionados ao desempenho com foco na produtividade, o que leva a um enrijecimento da persona que fica focada nessas questões, excluindo aquilo que pudesse minimizar tal desempenho. Nesse sentido, os aspectos dionisíacos e matriarcais relacionados ao prazer e leveza acabam sendo reprimidos, o que faz com que ganhem energia e se manifestem na consciência burlando o controle do ego. Portanto, o alcoolismo pode ser compreendido como uma tentativa falha de equilibrar esses pólos opostos, seguindo a tendência auto reguladora da psique, mas que acaba por inundar o sujeito com conteúdos sombrios de forma a deixar o ego ainda mais fragilizado.

Essas questões foram ilustradas e relacionadas com acontecimentos da série "Bojack Horseman" nos capítulos que estão a seguir, entretanto,

primeiramente, é essencial que seja realizado um resumo referente a série em questão, visando o maior entendimento do leitor, para que a análise seja melhor compreendida, o que foi realizado a seguir.

7 BOJACK HORSEMAN: UM RESUMO

"Bojack Horseman" é uma série americana de animação adulta original da *Netflix* lançada em 2014 e criada por Raphael Bob-Waksberg. Ela apresenta sua história estruturada em 6 temporadas com 77 episódios de, em média, 25 minutos, e teve sua última temporada lançada em 2020. A série teve grande repercussão no mundo do entretenimento, sendo considerada pela BBC em 2019, de acordo com Madle (2019), como a melhor série de animação do século 21, e apresentando excelentes críticas em sites renomados da área cinematográfica como IMBD e Rotten Tomatoes, segundo Moura (2018).

A série se passa em um universo alternativo, em que animais e pessoas convivem de forma horizontal, sendo que os animais possuem características humanas. Nesse contexto, é retratada a vida cotidiana de um cavalo com cerca de 50 anos, Bojack Horseman, um ator de Hollywood famoso nos anos 90/2000 por sua participação em um sitcom chamado "Horsin' Around". Após o fim do sitcom, a carreira de Bojack entrou em decadência, e o mesmo se tornou alcoolista e dependente de outras substâncias.

Assim, partindo desse contexto, a série aborda diversas questões típicas da sociedade atual, trazendo críticas à sociedade capitalista, e enfatizando temas como depressão, dependência substâncias, comportamento autodestrutivo, narcisismo e diversas outras temáticas, que podem ser associadas às condições que esse sistema impõe aos sujeitos.

7.1. Personagens principais

Bojack Horseman: é o protagonista da série, um cavalo com cerca de 50 anos que foi famoso durante os anos 90, mas agora se encontra em decadência. Para lidar com sua insatisfação em relação a si mesmo e a vida, ele desenvolve uma dependência em álcool que norteia toda sua existência. Esse personagem se mostra de forma extremamente complexa, pois, ao mesmo tempo que é narcisista e egocêntrico, quer que todos o amem para compensar a falta de confiança que tem em relação a si mesmo. Ele apresenta um relacionamento conflituoso com seus pais, que sempre o diminuíram, e dificuldades em se relacionar com os outros de

modo geral. Ademais, é importante mencionar que, mesmo estando em decadência em relação a sua carreira, leva um estilo de vida caro, uma vez que tem muito dinheiro de sua época de fama.

Todd Chavez: é um jovem humano com cerca de 25 anos que ficou morando na casa de Bojack após uma festa. Ele mora na sala do ator, que o financia. Eles apresentam uma relação conturbada, uma vez que Bojack, frequentemente o insulta e afirma que não são amigos, entretanto, continua o sustentando. Todd é um jovem que, inicialmente, se mostra acomodado e perdido em termos de perspectiva futura, entretanto, é usualmente feliz e despreocupado, e tenta enxergar o melhor nas pessoas, inclusive em Bojack.

Princess Carolyn: é uma gata com cerca de 40 anos que trabalha como agente de famosos. Ela é a ex-namorada de Bojack e agente do mesmo, uma vez que sempre tenta separar sua vida pessoal da profissional. Ela é ambiciosa e trabalhadora, e acredita que pode consertar tudo. Ela, muitas vezes, acaba esquecendo de si e suas necessidades por sempre cuidar dos outros. Essa personagem sempre ajuda Bojack a solucionar suas questões, mesmo quando ele está totalmente errado. Ela tem uma grande história com o personagem principal, e se importa com ele, reconhecendo suas qualidades que, muitas vezes, ficam mascaradas. Princess Carolyn sonha em ter uma família e um relacionamento estável, mas acaba se envolvendo com pessoas que não proporcionam isso a ela, como Bojack Horseman, por exemplo.

Mr. Peanutbutter: é um cachorro labrador com cerca de 50 anos que trabalha como ator e é namorado de Diane. Ele se mostra como alguém simpático, carismático, impulsivo, com muita energia e felicidade, sendo o oposto de Bojack Horseman. Muitas vezes, ele parece ser ingênuo, sem ideia de como o mundo real funciona, porém, em alguns episódios, ele demonstra grande profundidade, algo que não corresponde com sua persona. Ele é estrela de um sitcom extremamente similar ao “Horsin’ Around”, e, diferentemente de Bojack, continua no ápice da fama, sendo amado por grande parte das pessoas. Desse modo, o personagem principal tem grande inveja de Mr. Peanutbutter, o que faz com que ele sempre tente evitar sua presença. Entretanto, o cachorro apresenta grande admiração por Bojack, e sempre tenta se aproximar do mesmo para que se tornem amigos.

Diane Nguyen: é uma mulher vietnamita-americana, com cerca de 35 anos, que trabalha como escritora. Ela é inteligente, ligada ao movimento feminista, determinada e tímida, assim, não aprecia tanto as grandes festas de Hollywood, diferentemente de seu namorado Mr. Peanutbutter. Ela entra na narrativa por ser a escritora fantasma da biografia de Bojack Horseman, o que faz com que passem muito tempo juntos, o que leva Bojack a desenvolver sentimentos românticos por ela. Diane se importa muito com seus amigos, e tenta ajudar Bojack a ser uma pessoa melhor, mesmo grande parte das ações do protagonista indo contra seus valores. Ela é muito crítica consigo mesma e busca reconhecimento na sua vida profissional.

Sarah Lynn: não é uma das personagens principais, entretanto sua aparição na série é essencial para a trajetória de Bojack. Ela é uma humana com cerca de 30 anos, que trabalhou como um popstar e atriz, entrando no mundo da fama muito jovem, estrelando como uma das personagens principais da série “Horsin’ Around”. Na série em que Bojack e ela trabalhavam juntos, ela era apenas uma criança, assim, Bojack era como uma figura paterna, uma vez que sua mãe a obrigava a atuar e há indícios de que seu padrasto abusava da mesma. Ela se mostra como alguém egoísta e incosequente, usando drogas de forma abusiva e frequentando diversas festas. Bojack e Sarah se reencontram posteriormente e se envolvem sexualmente, o que logo é terminado. Entretanto, eles voltam a ter contato, sendo péssimas influências um para o outro, visto que sempre que se encontram fazem uso abusivo de álcool e drogas, até que Sarah morre de overdose enquanto se drogava com Bojack, o que faz com que ele seja cancelado, uma vez que todo seu relacionamento com ela acaba sendo exposto.

7.2. Principais acontecimentos

Primeira temporada:

Nessa temporada ocorre um primeiro contato do público com as personagens, e já em seu início fica evidente que desde o cancelamento de sua série, Bojack vive uma vida sem propósitos regada a álcool e festas. Toda temporada ronda sob a questão de sua autobiografia, a qual não consegue escrever, o que faz com que

uma escritora fantasma, Diane, seja contratada pela Princess Carolyn para fazer o trabalho. Diante dessa situação, Bojack acaba criando sentimentos amorosos por Diane, uma vez que passam muito tempo juntos e ela acaba virando uma conselheira para ele. Entretanto, esse relacionamento é impossível de ocorrer, visto que Diane namora Mr. Peanutbutter, e fica noiva do cachorro no decorrer da temporada. Também é importante ressaltar a presença de Sarah Lynn, que se reencontra com Bojack, e acaba desenvolvendo uma relação com ele que se assemelha a uma dinâmica familiar, entretanto, eles acabam se envolvendo sexualmente e reconhecendo a problemática disso, Bojack decide cortar sua relação com a mesma.

Outro importante acontecimento é a visita de Bojack ao seu antigo amigo e diretor de série, em que o amigo ressalta que nunca perdoará o ator e que ele deveria aceitar que é uma pessoa ruim. Para piorar o clima, Bojack beija Diane, o que faz com que a relação deles fique desagradável, e Todd descobre que o cavalo sabotou uma grande oportunidade de trabalho do mesmo para que eles continuassem a morar juntos.

Ao final dessa temporada, o livro de Diane é publicado e Bojack é premiado pela sua história. No livro, ele é retratado de forma muito real, ressaltando suas falhas e sofrimentos que o fazem humano, assim, muitas pessoas começam a admirá-lo e a se identificar com ele. Frente a esse sucesso, ele decide que quer finalmente realizar um sonho que tem desde criança: interpretar seu ídolo Secretariat em um filme. Ele consegue o papel, mas fica confuso, pois esperava que ficaria mais feliz com isso.

Segunda temporada:

Nessa temporada, o protagonista se encontra feliz e motivado para entrar em forma e poder interpretar seu ídolo. Ele está tentando mudar sua vida, assim adotou uma nova atitude que envolve reconhecer e focar nas coisas boas na vida, o que faz com que seja mais simpático e feliz. Entretanto, essa nova atitude impede que o mesmo interprete cenas tristes e profundas, o que faz com que ele se depare com uma crise.

Ademais, por conta do lançamento de seu livro, Bojack está no centro das atenções, e todos sabem minuciosamente sobre sua vida, o que dificulta suas

relações amorosas. Diante disso, ele se interessa pela única mulher da cidade que não sabe quem ele é, uma coruja que estava em coma e não soube sobre seu livro ou sua série.

A diretora de Secretariat é demitida e substituída por outra que não segue a história real, deixando o filme superficial, o que faz com que Bojack não veja mais sentido em seu trabalho. Frente a esse empecilho, ele entra em um momento de grande negatividade e consumo de álcool excessivo, o que é influenciado por Diane, que está hospedada na sua casa, e se encontra em um momento difícil. Frente a isso, a namorada de Bojack decide terminar com ele e o mesmo vai atrás de uma ex-namorada que morava no Novo México.

Logo ao encontrá-la, descobre que ela está casada e com dois filhos, o que gera grande frustração. Bojack começa a se aproximar da família. Ele beija sua ex-namorada e ela fala que ele precisa voltar para sua casa, uma vez que ele está lá há 2 meses e pede para que ele não atrapalhe sua vida. Logo em seguida ele se envolve com a filha dela, o que faz com que a mesma o expulse e exija que ele nunca mais tente qualquer tipo de contato.

No final da temporada, Bojack volta para Los Angeles e descobre que todas as cenas no filme foram substituídas por uma versão dele computadorizada. Além disso, Todd decide se mudar e, finalmente, se cansa do modo como Bojack o trata.

Terceira temporada:

Após o lançamento do filme, Bojack se encontra no centro das atenções no mundo de Hollywood, uma vez que há possibilidade do mesmo ser indicado para o Oscar pela sua atuação. Tendo como objetivo ganhar o Oscar, o ator tem que viajar e fazer aparições em diversos eventos, para que continue sendo visto como uma importante celebridade. Finalmente chega o dia do lançamento do filme para o público, o que faz que o mesmo se confronte com a possibilidade de rejeição, gerando grande ansiedade. Entretanto, logo ele é avisado que o filme foi um grande sucesso.

Ocorre uma primeira premiação, e Bojack não ganha, mas continua com esperanças em relação ao Oscar. Finalmente ocorre a nomeação do Oscar, e Bojack é indicado, entretanto, repara que se sente igual a antes. Frente a isso, ele decide fazer uma festa para comemorar a nomeação. Nessa festa, ele tem uma conversa

com Diane, em que eles brigam e ela comenta que mesmo que ganhe o Oscar, ele continuará infeliz, uma vez que não vai se sentir completo. Ao final da festa ele descobre que na verdade não foi nomeado. Ele e Todd também brigam, pois Bojack teve relações sexuais com a garota que Todd gostava, e esse fala que ele tem que começar a assumir suas decisões erradas e parar de culpar o álcool ou coisas que aconteceram na sua infância, e que se sentir mal depois de tomar decisões ruins não anula essas decisões.

Frente a todas essas situações, o cavalo convida Sarah Lynn, que estava sóbria há 9 meses, para festejarem juntos. Eles se encontram e ficam bebendo e usando drogas por semanas. Eles vão para um planetário e ficam conversando até que Sarah Lynn para de respondê-lo. A temporada acaba com uma cena de Bojack dirigindo seu carro de olhos fechados em alta velocidade, até que para e observa um grupo de cavalos selvagens.

Quarta temporada:

A temporada começa com Bojack sozinho, uma vez que se afastou de todos seus amigos e de Los Angeles. Após sua temporada de bebedeira inconsequente com Sarah Lynn e sua morte, ele vai para casa de verão de sua família em Michigan buscando tranquilidade, e, ao mesmo tempo, algumas questões antigas de sua família vão surgindo. Bojack passou 8 meses restaurando a casa da família para, ao fim, demoli-la e voltar para Los Angeles.

O ponto principal dessa temporada é o aparecimento de Hollyhock, uma égua que foi adotada por 8 homens homossexuais em uma relação poliamorosa, e que desconfia de que Bojack seja seu pai biológico. Eles fazem um combinado de que se Bojack ajudar Hollyhock a achar sua mãe biológica, ela nunca mais entrará em contato, o que o ator deseja, uma vez que acredita que destrói todas suas relações. Em uma busca falha pela mãe biológica, eles decidem visitar a mãe de Bojack, Beatrice, que vive em um asilo e tem demência. Ela não se lembra do seu filho e fica o chamando de Henrietta. Ele tem dificuldades de tratá-la bem, uma vez que nunca a perdoou por ter sido uma mãe ruim. Beatrice é expulsa do asilo e Hollyhock convence Bojack a levar ela para morar com eles, já que não tem muito tempo de vida.

Ao final da temporada é mostrado que Hollyhock é, na verdade, filha do pai do Bojack, fruto de uma traição com uma empregada, Henrietta, que trabalhava na casa da família. Beatrice também reconhece Bojack, mas, ao invés de falar que odiava ela, como havia planejado, ele alimenta uma fantasia de que a mesma se encontra na casa de verão com toda sua família. Além disso, Hollyhock é proibida de encontrar o cavalo pelos seus pais, pois durante sua estadia na casa dele, ela entrou em overdose, e seus pais acreditam ter sido culpa dele. Entretanto, Beatrice que estava drogando o café da casa para que Hollyhock emagrecesse. Bojack consegue esclarecer essa situação e a temporada termina com ele satisfeito em preencher o papel de irmão, e a garota indo atrás de sua mãe.

Quinta temporada:

Nessa temporada Bojack está estrelando uma série de detetives, mas não vê sentido em seu trabalho, uma vez que interpreta um alcoolista mau humorado. Hollyhock foi para a faculdade e Todd mora com Princess Carolyn, o que faz com que o cavalo se sinta ainda mais solitário. Diante disso, Bojack começa a tentar ser uma pessoa diferente, feliz e positiva, e diminuir o consumo de bebida.

Diane tem acesso a uma gravação de quando Bojack estava com Sarah Lynn e contou sobre o que aconteceu com a filha de sua ex-namorada, ela confronta o ator e eles brigam. Isso ocorre no lançamento de sua nova série, e frente a essa discussão ele volta a consumir álcool e outras substâncias, principalmente comprimidos.

Além disso, ele se envolve com sua parceira de filmagem, assim como faz com a maioria das figuras femininas de sua vida. Ao final da temporada, Bojack se encontra dependente desses comprimidos e passa a misturar sua vida pessoal com as filmagens da série, até que, em uma cena ele enforca de verdade sua namorada e colega de série. Após uma conversa com Diane ele decide se internar em uma clínica de reabilitação, e tem medo de continuar sendo uma pessoa ruim mesmo sóbrio, entretanto, decide correr esse risco.

Sexta temporada:

Essa temporada começa com Bojack na clínica de reabilitação, mas o mesmo não consegue se abrir, pois sempre se distancia dos assuntos pessoais com piadas. Mesmo assim, ele se encontra em um bom momento, tentando se responsabilizar pelas suas ações. Após 6 meses na reabilitação, Bojack não se sente confortável para voltar para sua vida normal, mesmo com o incentivo de seu terapeuta. O ator, finalmente sai da clínica e vai visitar Diane que se mudou para Illinois, uma vez que não consegue ficar em LA, pois fica frequentemente lembrando das coisas ruins que fez.

Após isso, ele vai visitar sua irmã Hollyhock e descobre que há uma vaga em sua universidade para ensinar teatro, o que desperta grande interesse no protagonista. Ele consegue o emprego, mas logo em seguida, Hollyhock descobre sobre o que aconteceu no Novo México, e adota uma postura fria para tentar afastá-lo. Além disso, há repórteres que estão investigando a história de Sarah Lynn e tentando descobrir a conexão de Bojack com tudo. Eles acabam descobrindo que ela morreu se drogando junto com o cavalo, e que o mesmo, após ela morrer, esperou 17 minutos para chamar a ambulância, e tentou manipular as evidências para parecer que eles não estavam se drogando juntos.

Frente a toda essa confusão, sua irmã manda uma carta afirmando que não quer mais ter contato com ele, o que serve como gatilho para Bojack voltar a beber. Ele acaba invadindo sua antiga casa enquanto estava sob efeito de substâncias e é colocado na prisão. Após um ano ele sai da prisão por uma noite para ir ao casamento de Princess Carolyn e reencontra todos os personagens principais, faz as pazes com alguns, e a série termina com Bojack e Diane conversando sentados no telhado, como se fosse a última vez que fossem se falar

8 ANÁLISE: BOJACK HORSEMAN, UM SUJEITO TÍPICO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO, OU NÃO?

Bojack Horseman, seguindo o padrão da sociedade em que está inserido, dá sentido a sua vida com base em seu desempenho produtivo, como postulado por Han (2015), no mundo artístico, uma vez que é um ator. Logo na primeira cena da série, é possível observar esse esvaziamento de sentido além da produção. Ele se encontra em uma entrevista de televisão, alcoolizado e é questionado sobre o que tem feito de sua vida desde que sua série foi cancelada há 18 anos.

Frente a esse questionamento, Bojack fica perdido, uma vez que desde o cancelamento o mesmo não contribuiu para a produtividade da sociedade, entrando numa vida de dependência de álcool e outras substâncias como uma tentativa de mascarar sua fragilidade e incapacidade de achar algum sentido para sua vida além do trabalho.

É essencial ressaltar que o uso abusivo de álcool de Bojack não começa apenas quando seu show é cancelado, mas é possível observar os primórdios do que viria a ser uma dependência quando o personagem ainda atuava. Esse acontecimento dialoga com o início do consumo de álcool, desenvolvido no capítulo sobre dependências. Desse modo, de acordo com Ribeiro (2002), a dependência surgiria secundariamente a dificuldade, ou até mesmo impossibilidade, do sujeito lidar com seus conflitos, denunciando uma falta de confiança e autonomia. Além disso, o consumo de álcool, por gerar um rebaixamento da consciência, proporciona um contato do sujeito com a sua sombra, que é, frequentemente, reprimida.

Segundo Silveira Filho (2002), esse uso de substâncias pode ser compreendido como uma forma de mascarar a fragilidade do sujeito, tanto nas relações consigo mesmo quanto com os outros, o que pode ser relacionado com a questão da instabilidade da sociedade, trazida por Bauman (1998), visto que a instabilidade presente intensifica a insegurança, não é possível conhecer algo de forma segura, tudo está em constante movimento. O sujeito consome a substância como forma de fugir de sua insegurança, mas acaba se identificando com a sombra da sociedade quando esse consumo sai do controle, explicitando a improdutividade e fragilidade egóica. Essa seria a sombra da sociedade em questão, uma vez que, em prol da produtividade, há uma grande repressão de aspectos que seriam

considerados negativos, assim, a sombra social seria constituída pela improdutividade e aspectos que poderiam atrapalhar o desempenho.

Desse modo, de acordo com Ribeiro (2012), a dependência pode ser compreendida como um modo de compensar uma falta de estrutura egóica para lidar com certos conflitos cotidianos, o que dialoga com uma tendência comum da sociedade pós-moderna do cansaço: a dissolução dos limites que dificulta a relação com o outro, forma barreiras para o desenvolvimento e fortalecimento do ego, deixando o sujeito mais vulnerável e suscetível a dependências. Ademais, o consumo é uma tentativa de compensar o isolamento decorrente da falta de relação com o outro, levando a sensações de euforia e segurança, como se o sujeito tudo pudesse, o que se alterna com sentimentos de impotência nos momentos de sobriedade (BATISTA, 2002).

Durante toda a série é possível notar a importância de sua vida produtiva, visto que, em vários momentos, inclusive no primeiro episódio, o cavalo é mostrado assistindo, frequentemente, seu antigo sitcom, lembrando sua vida produtiva em busca de gratificação e sentido.

Como já apontado, na sociedade do cansaço, a vida é o trabalho, os sujeitos se nutrem da produção, sendo isso que proporciona certo sentido à vida, enquanto os desejos que não dizem respeito a essa área vão se esvaziando (HAN, 2015). No momento em que seu sitcom é cancelado, Bojack já estava inserido nessa lógica, portanto, esvaziado de seus desejos além da produção, de maneira que tal acontecimento gerou impacto em sua vida, deixando seu ego ainda mais fragilizado, fazendo com que o mesmo ficasse totalmente dependente de álcool para compensar essas questões.

A intensa repressão e rigidez evidencia uma tendência predominantemente patriarcal apolínea da sociedade, denunciando a falta do polo matriarcal e dionisíaco, marcado pela flexibilidade e leveza. Entretanto, é preciso encontrar um equilíbrio entre esses polos, de modo a evitar a unilaterização, uma vez que ambos possuem um lado sombrio (TRENTO ET AL., 2021). A dependência pode ser vista como uma tentativa de entrar em contato com esse polo matriarcal, buscando o equilíbrio, mas que acaba, por conta de uma fragilidade egóica, mergulhando no lado sombrio do mesmo.

Além disso, por conta desse mergulho no polo matriarcal regido pelo inconsciente, há uma certa flexibilização que pode levar a renúncia das

responsabilidades em demasia, o que dificulta o reconhecimento por parte do sujeito das suas condutas destrutivas (WOODMAN, 2002). Assim, essa tendência é disfarçada por uma busca de gratificação e prazer momentâneos, o que dialoga com a tendência da sociedade pós moderna do cansaço de foco no presente (HAN, 2018).

Também é interessante apontar que é, justamente, a busca por perfeição que pode levar a depressões e dependências, uma vez que essas surgem para preencher uma lacuna existente entre o que o sujeito realmente é, e o que ele poderia ser partindo desse ideal da sociedade do cansaço de sempre poder ser e produzir mais, o que se tem nunca é o suficiente, o que leva a essa lacuna (WOODMAN, 2002).

Dialogando com o que foi exposto acima Bojack começa a fazer uso de álcool como forma de relaxar para realizar audições, o que denuncia a presença de um sentimento de insegurança e nervosismo, ou seja, falta de confiança. Assim, em um primeiro momento, utiliza o álcool como um modo de entrar em contato com o lado dionisíaco e matriarcal, saindo de uma rigidez produtiva, mas para maximizar seu desempenho. Dessa maneira, esse uso foi iniciado para compensar a rigidez do polo patriarcal, trazendo certa descontração, até um momento em que o consumo tinha que ocorrer para equilibrar seu psiquismo, deixando o inconsciente se manifestar.

Ademais, logo no primeiro episódio, é possível ver Bojack se confrontando com a missão de escrever sua autobiografia, entretanto, não consegue cumpri-la, uma vez que evita de forma explícita entrar em contato com conteúdos de seu passado que pudessem gerar algum sofrimento psíquico. Ele não consegue acessar esses conteúdos por conta de uma grande fragilidade egóica, que, como já foi apontado, é algo típico da sociedade do cansaço, por conta da falta de relacionamento com o outro, que impede o contato com o diferente, dificultando a elaboração de questões que levariam a um maior desenvolvimento psíquico e fortalecimento egóico.

Bojack reprime as questões de seu passado e utiliza o álcool como forma de refúgio e diminuição da tensão entre consciente e inconsciente, uma vez que esse último pode se manifestar em momentos de rebaixamento da consciência, ou seja, quando está sob efeito do álcool. Entretanto, mesmo assim, há grande unilaterização, o que gera a energização de diversos conteúdos, que acabam por se manifestar de modo intenso e exagerado.

A sociedade em questão é marcada por algumas características: a fluidez, flexibilidade, dissolução dos limites, imprevisibilidade, individualismo e positividade. Tais particularidades indicam a presença de uma grande liberdade e sensação de poder, mas também, de uma grande insegurança por conta dessa falta de fixidez, sendo que as principais patologias da época recaem sobre essa instabilidade e suas consequências, com por exemplo, a dificuldade de se relacionar com o outro (SANT'ANNA, 2019).

Por sua vez, essa falta de contato com o outro torna-se um grande empecilho para o desenvolvimento psicológico, uma vez que há um contato escasso com aquilo que é diferente, o que dificulta as possíveis projeções que poderiam acontecer, que posteriormente seriam reconhecidas no próprio sujeito e elaboradas, gerando o contato com a sombra, e reestruturação da persona.

Segundo Jung (1980), o inconsciente é dividido em coletivo e pessoal, sendo que o primeiro contém elementos que ultrapassam a vivência pessoal do sujeito, enquanto o segundo apresenta memórias esquecidas e reprimidas, além de conteúdos que não atingiram um nível suficiente de energia para emergir na consciência. De acordo com a teoria junguiana, a psique busca, primordialmente, a homeostase, o equilíbrio entre os opostos que devem coexistir, porém quando há repressão em demasia, ocorre uma unilaterização da consciência, e, portanto, uma energização do conteúdo reprimido para que este se manifeste da consciência e seja integrado, o que denuncia uma tentativa de homeostase da psique, a partir de um mecanismo de auto regulação. Desse modo, frente a uma cultura que preza pela repressão de conteúdos sombrios, o consumo de álcool pode fazer um papel de regulação da psique, uma vez que permite a emergência dos conteúdos reprimidos em decorrência do enfraquecimento da consciência (SCHOEN, 2009).

Ademais, Bojack também reprime algumas questões por ir contra a lógica da positividade, e, ao invés de trabalhá-las, toma diversos remédios para mascarar os sintomas de ansiedade, depressão e insônia. Essa questão fica evidente logo no primeiro episódio, em que o personagem principal tem um ataque de ansiedade ao pensar sobre sua biografia, ou seja, sobre sua vida, e suas motivações para escrevê-la: ganhar o reconhecimento e amor das pessoas. Esse ataque de ansiedade é uma manifestação exagerada de conteúdos inconscientes que foram muito energizados por conta de uma grande repressão, o que foi desenvolvido acima.

Na sociedade em questão, é possível notar uma ênfase na adaptação social, que acaba deixando de lado a elaboração de conteúdos sombrios, caso esses não sejam úteis em termos de produção, o que evidencia uma supervalorização da persona produtiva, facilitando a ocorrência de uma identificação com essa persona, o que gera uma exclusão da sombra, que resulta na energização de seus conteúdos, podendo levar a invasão desses na consciência, e perda de controle do ego (JUNG, 2015).

Essa perda de controle é muito repudiada pelas consequências que poderia causar no desempenho. Ademais, por conta da insegurança reinante, o controle egóico acaba sendo ainda mais valorizado, e a sombra reprimida, ainda mais por ter certa autonomia, não se submetendo aos desejos do ego (STEIN, 2006). Além disso, por ser uma sociedade que coloca o desempenho como bem maior, a sombra social acaba sendo constituída por aspectos considerados improdutivos.

A elaboração de aspectos sombrios, que levaria a um fortalecimento egóico e desenvolvimento psicológico, exige tempo e energia, que são gastos nas horas de trabalho exaustivas, assim, a atenção à sombra atrapalha a produção e exigiria o olhar para aquilo que é negado, o que não tem vez na sociedade da positividade, em que a negatividade é apenas evocada em nome da maximização da produção, de acordo com Pinto (2020).

Sobre o foco no presente e prazer momentâneo, essa tendência dialoga com o aumento da medicalização, que surge como uma forma de mascarar os sintomas, sem que a causa real seja identificada, sendo que essa investigação exigiria também tempo e energia, conforme postulado por Han (2015). Tal medicalização recai tanto sob os aspectos físicos, quanto psicológicos, sendo que os sintomas físicos, frequentemente, apresentam ligação com os aspectos psicológicos, o que é comumente deixado de lado. Isso dificulta o contato com aspectos inconscientes que precisam ser vistos, uma vez que, quando apenas o sintoma é tratado, o conteúdo continua sendo energizado e continuará se manifestando de outras formas.

Em relação a busca por reconhecimento, mencionada como objetivo da autobiografia de Bojack, essa representa algo comum da sociedade, os sujeitos têm grande fragilidade egóica e uma identidade mal construída, portanto, precisam de um reconhecimento externo para se sentirem validados. Porém, essa validação e reconhecimento não ocorrem por conta de uma falta de relação com o outro, que é visto a partir da lógica de mercado, como outro que vai satisfazer as necessidades

do sujeito. Frente a isso, os sujeitos buscam uma gratificação que nunca acontecerá, e um sentimento de completude que também não vai surgir, uma vez que, partindo da lógica do desempenho, nada nunca é o suficiente, sempre é possível melhorar (HAN, 2015).

De acordo com Seligmann-Silva (2011), há um acirramento da competitividade em nome da produtividade, o que leva a um esgotamento do sujeito, que, exausto, não consegue se relacionar com o outro, nem consigo mesmo de maneira psicologicamente construtiva. Ele tem certa dificuldade de formar uma identidade, uma vez que precisa sempre se reinventar frente a instabilidade do mundo, assim, há uma ênfase no presente, o que impede o planejamento a longo prazo, e reforça a busca por prazer momentâneo (BAUMAN, 1998). Por sua vez, essa busca faz com que esse sujeito pós moderno do cansaço evite ao máximo qualquer contato que poderia fazê-lo sentir-se desconfortável, como por exemplo, contato com aquilo que é diferente do desenvolvido na consciência, com os aspectos sombrios, que poderia levar a um maior nível de desenvolvimento psicólogo.

Assim, é necessário apontar que há uma falta de recursos no âmbito da formação de uma identidade além do desempenho, por conta da falta de contato com outro, e, ao mesmo tempo, uma dificuldade de se relacionar com o outro por conta da falta de identidade. Isso faz com que não haja um limite bem estabelecido entre esse eu e o outro, que se confundem entre si, alimentando ainda mais o individualismo, por conta dessa falta de limites (SANT'ANNA, 2019).

Nesse sentido, o sujeito passa por uma crise de gratificação, uma vez que segundo Han (2015), esse sentimento é possibilitado por uma profunda relação com o outro, o que não ocorre, por conta de uma fusão com outro que impossibilita o reconhecimento. Ademais, isso é intensificado pelo fato do sujeito do cansaço ter internalizado a coação do desempenho de modo que nada nunca é o suficiente, em sua posição de sujeito livre, é sempre possível apresentar um desempenho melhor, despertando um sentimento constante de culpa e carência.

Outra questão importante a ser mencionada é o individualismo, típico dessa sociedade e que se manifesta em Bojack de forma intensa. O cavalo não sabe se relacionar com os outros, o que fica evidente no primeiro episódio, em que está tendo relações sexuais, enquanto assiste sua série, e atinge o clímax quando se escuta atuando. Isso deixa claro que ele não estava se relacionando com a pessoa

em questão, mas estava usando essa pessoa a partir da disposição “Ter”, olhando o outro como aquele que vai trazer prazer momentâneo e depois ser jogado fora, sem se importar com o que aquilo significa para esse outro.

De acordo com Erich Fromm (1982), os relacionamentos se encontram estruturados a partir da lógica de mercado, o que pode ser entendido a partir da disposição “Ter”, que considera o outro como estando no lugar de objeto a ser consumido, de maneira que o sujeito fará uso do outro para satisfação momentânea, podendo o substituir quando por conveniente. O outro a um produto a ser consumido.

Enquanto isso, a disposição “Ser” seria ideal para o desenvolvimento psíquico, uma vez que esse, na visão de Jung, pressupõe o contato com os elementos não desenvolvidos na consciência, portanto, com o diferente. Assim, a relação humana se faz elemento essencial para o desenvolvimento da personalidade, visto que proporciona o confronto, não em um sentido agressivo, mas de encontro com o outro. Sendo que o sujeito se constitui a partir desse outro, que proporciona o enfrentamento com o diferente, com aquilo que não é desenvolvido naquele sujeito, e que poderá, a partir desse contato, ser reconhecido e integrado na consciência.

Dessa maneira, a fluidez também caracteriza as relações atuais, em que se pode entrar e sair com grande facilidade, o que é reforçado ainda mais pelas redes sociais. Essas proporcionam uma sensação de controle e condizem com a questão da instabilidade da identidade, uma vez que o sujeito pode se reinventar a cada contato, além de evitar o contato com aquilo que é diferente.

Um ponto importante de ser destacado que também pode ser observado logo no início da série é a relação entre Bojack e o personagem Mr. Peanutbutter. Bojack não suporta o cachorro, sempre se irritando com sua presença. Isso pode ser explicado a partir da interpretação de que esse personagem seria uma representação da sombra de Bojack, assim, quando entra em contato com ele, apresenta reações exageradas de repulsa e reprovação, uma vez que os conteúdos desenvolvidos por Mr. Peanutbutter não estão desenvolvidos em Bojack. Ambos apresentam uma vida similar, são atores de sitcoms que apresentam a mesma proposta (de modo quase exato) e levam um estilo de vida parecido. Entretanto, um parece ser oposto quase exato do outro. Enquanto Bojack é muito crítico consigo mesmo, inseguro e infeliz, o cachorro parece ser extremamente feliz e espontâneo,

seguro de si e amado pelo público. Mr. Peanutbutter parece fazer tudo o que tem vontade, mesmo que pareça ridículo, o que deixa o personagem principal com muita inveja, uma vez que não consegue ter um olhar carinhoso sobre si, sempre com medo do que os outros vão achar.

Ao final do primeiro episódio, ele comenta sobre a inveja que sente de Mr. Peanutbutter pelo mesmo ser simplesmente feliz, e Diane aponta para o protagonista que cada um é responsável pela própria felicidade, o que, para ela é libertador, pois evidencia que não é preciso depender dos outros. Entretanto, para Bojack, tal constatação é, na verdade, sufocante. Esse pensamento do personagem pode ser analisado a partir da concepção das dependências com base da psicologia junguiana, como foi realizado abaixo.

Segundo Woodman (2002), a falta de responsabilização e culpabilização do outro é algo que comumente surge nas dependências de substâncias, em que há um mergulho no lado matriarcal, marcado pela flexibilidade, e também há uma dificuldade de reconhecimento por parte do sujeito das atitudes tomadas no momento em que o mesmo estava sob efeito do álcool. Desse modo, há uma transferência da responsabilidade dos problemas do sujeito para outras pessoas e/ou para o álcool, como se a dependência não dissesse respeito ao dependente, sendo culpa da substância, apenas pelo fato de existir.

O sujeito projeta a culpa de seus conflitos nos outros por conta de uma fragilidade egóica que evidencia que o mesmo não seria capaz de lidar com suas questões de maneira construtiva. Ademais, é projetado na substância um poder numinoso, que diz respeito ao contato com o inconsciente que o uso possibilita, visto que a consciência fica rebaixada, fazendo com que o inconsciente possa se manifestar, diminuindo a tensão entre consciente e inconsciente. Entretanto, como existia uma grande unilaterização da consciência, tais conteúdos se encontram muito energizados, de modo que acabam por reinar sob o ego, exigindo o consumo regular das substâncias a fim de se manifestar livremente, o que leva a dependência (SILVEIRA FILHO, 2002).

É interessante apontar que no início dos estudos sobre alcoolismo e outras dependências, essa conduta era associada a uma questão moral, concepção que resiste até hoje e expressa uma tendência da sociedade de ignorar as ações do inconsciente, atribuindo as dependências apenas a uma questão de vontade consciente. Há também outras concepções que consideram o uso abusivo não como

um desejo do sujeito, mas como uma impossibilidade de não consumir, sendo que, ao longo do tempo, se torna um mecanismo do aparato psíquico de busca da homeostase por permitir a manifestação do inconsciente (RIBEIRO, 2012).

Desse modo, no momento em que Diane aponta que Bojack é o responsável pela própria felicidade, o mesmo se mostra insatisfeito, já que tende a não se responsabilizar pelas suas questões, culpando outros pelos seus problemas, e, frequentemente, demandando que outros, principalmente sua agente Princess Carolyn, resolvam seus conflitos. É importante notar que em alguns momentos da série, inclusive na primeira temporada, geralmente após a agente ajudá-lo, Bojack propõe que eles voltem a ter um relacionamento amoroso, o que evidencia o fato de o mesmo não conseguir manter um relacionamento com mulheres que não envolvam a questão sexual. Esse padrão se repete em diversos momentos da série, visto que ele se envolve também com Sarah Lynn na primeira temporada, o que foi desenvolvido mais adiante, com sua publicitária na terceira temporada e com sua colega de trabalho na quinta temporada.

Isso reflete uma tendência de usar o outro a partir da lógica de mercado para obtenção de prazer momentâneo, uma vez que o cavalo não busca em seus relacionamentos amorosos, uma conexão emocional que vai além do sexual, e ao longo da série, o mesmo tenta se relacionar de forma sexual com quase todas as personagens femininas que surgem em sua vida.

Ademais, esse mecanismo de culpabilizar outros pode ser compreendido como um modo de projetar em outros sujeitos os próprios conflitos pessoais e aspectos sombrios, como um modo de rejeição de tais questões em si mesmo, o que impede a elaboração dos mesmos e uma possível integração na consciência. Tal fenômeno é comum na sociedade pós-moderna do cansaço, uma vez que não há tempo para o reconhecimento e elaboração das questões, os sujeitos apenas projetam nos outros e se desligam do que pode gerar certo incômodo e desconforto, visto que os contatos raramente são significativos e duradouros, podendo ser descartados e substituídos com grande facilidade e rapidez (HAN, 2018).

Em relação a sua fragilidade egóica, é possível relacioná-la com suas conflituosas relações parentais, visto que, em diversos flashbacks, são mostradas cenas de seus pais o menosprezando e o humilhando. O que contribui para a intensificação de suas inseguranças, fazendo com que o mesmo tente reprimir ao máximo aquilo que seus pais criticaram, levando a uma repressão e energização de

conteúdos sombrios, e instauração de uma persona rígida para sustentar tal repressão. Sendo que essa tendência representa um padrão facilitador no desenvolvimento de dependências, uma vez que geralmente elas surgem em sujeitos com personas rígidas, como forma de compensar a rigidez, proporcionando um contato com o inconsciente, se tornando um mecanismo de regular a psique unilateralizada (BATISTA, 2002).

Essa sociedade, como já mencionada, apresenta um vício pela produtividade, que também pode ser compreendido como um vício pela perfeição. Frente a isso, os aspectos sombrios são negados para que essa produtividade/perfeição seja mantida. Essa demanda de manter uma persona perfeita e produtiva leva ao “vício”, que compensa a rigidez cotidiana (WOODMAN, 2002). Desse modo, é comum que muitos dependentes escondam essa questão de suas vidas por trás de suas personas bem sucedidas, e façam uso de substâncias como uma maneira de se sentirem poderosos e onipotentes. É essencial destacar que a identificação do ego com a persona é mais comum em ocorrer em personas bem sucedidas, o que é impulsionado pela ambição pelo sucesso e desempenho, de modo que os aspectos sombrios ficam cada vez mais marginalizados (JUNG, 2015).

Nesse sentido, é possível observar que Bojack, no momento do auge de sua carreira, estava identificado com a persona de ator bem sucedido. Por conta disso, houve uma unilaterização da consciência e grande repressão da sombra, sendo o consumo de álcool utilizado para diminuir a tensão entre esses polos, por permitir a manifestação do inconsciente, até que se tornou essencial para o funcionamento psíquico de Bojack, o que dialoga com Schoen (2009), que desenvolve a ideia de que, primeiramente o álcool serviria como algo para diminuir a tensão entre esses pólos, até que se torna um mecanismo primordial para o sujeito.

No início na segunda temporada é mostrada uma cena de uma interação entre Bojack já adulto e estrela do seu sitcom, e sua mãe, em que ela critica o filho de modo intenso, o que faz com que o mesmo fique desesperado, como se não aguentasse as críticas. Frente a todos os sentimentos que as críticas da mãe despertam, ele se sente sobrecarregado, e consome álcool como forma de amenizar e lidar com tal situação. Essa cena evidencia como Bojack faz uso dessa substância como forma de compensar a fragilidade para lidar com conflitos, e ao mesmo tempo, gera uma sensação de poder, contrária à desvalorização que sente na presença de sua mãe, o que dialoga com Batista (2002), que afirma que muitas dependentes

utilizam o álcool para equilibrar o polo impotência-onipotência. Ou seja, frente a impotência, o sujeito consome a substância com o objetivo de compensar esse sentimento, uma vez que ocorre a instauração da onipotência quando o sujeito está sob efeito do álcool.

Outra questão importante a ser mencionada é o fato de que, através dos flashbacks mostrados na série, é possível observar que tanto o pai, quanto a mãe do protagonista apresentavam questões em relação ao uso de álcool. Desse modo, Bojack, desde pequeno, teve contato com a concepção do álcool como mecanismo de defesa e resolução temporária de conflitos e questões, o que influenciou de forma significativa sua visão em relação à substância. Assim, quando adulto, frente às dificuldades de sua carreira apela para o uso de álcool e outras substâncias para lidar com seus problemas, assim como seus pais.

Ademais, é possível analisar que além da pressão referente ao desempenho sentida pelo protagonista pelo simples fato do mesmo viver em uma sociedade do cansaço, em que, como já trazido há uma internalização dominação (HAN, 2015), há grande pressão por parte de sua mãe. Na segunda temporada a mesma pode ser vista em um flashback afirmando que o filho, ainda criança, havia estragado, principalmente sua forma física. Frente a isso, Beatrice, mãe do Bojack, chega à conclusão de que ele deve fazer muito sucesso na vida para que o estrago que fez fosse compensado.

Outra questão interessante de se observar em relação aos pais de Bojack, é que durante certo tempo, o mesmo tem dificuldade de reconhecer suas relações parentais como problemáticas e danosas à saúde mental. No segundo episódio da primeira temporada, o personagem evidencia esse fato enquanto conversa com Diane. Ele conta histórias que claramente ilustram uma relação tóxica, mas não as reconhece como tais, afirmando serem situações comuns entre pais e filhos. Essa dificuldade de reconhecimento pode ser vista como um mecanismo de defesa, para que o mesmo não entre em contato com determinadas questões, mas também retrata uma tendência comum da sociedade de ignorar aquilo que é ruim e pode diminuir a produtividade, não há tempo para a elaboração do que gera sofrimento, há apenas a tomada de medidas que mascaram os sintomas (HAN, 2015).

Ademais, é importante notar que Bojack tem dificuldade de se abrir, por conta de sua recusa a entrar em contato com seus conflitos, o que já foi trazido, mas também por conta de uma dificuldade de confiar no outro. Em uma sociedade

marcada pela instabilidade, é difícil conhecer algo de modo confiável, ainda mais quando se tem uma identidade pouco desenvolvida, dificultando o relacionamento com esse outro (HAN, 2018). Entretanto, com Diane, o cavalo parece conseguir se abrir e expor seus conflitos de modo que não acontece com outras pessoas. Assim, é possível observar o desenvolvimento de uma relação seguindo a disposição “Ser” entre os dois, o que é essencial para o desenvolvimento psíquico, indo contra a tendência da sociedade do desempenho de enxergar as relações partindo da lógica de mercado (FROMM, 1982).

Ainda sobre seus relacionamentos, a questão de Bojack tentar se relacionar de forma sexual com grande parte das figuras femininas de sua vida, partindo da lógica de usar o outro para satisfação fica evidente de modo intenso no terceiro episódio da primeira temporada, em que Sarah Lynn tem sua primeira aparição. Em um primeiro momento, eles apresentam uma relação similar a uma relação parental, por conta da diferença de idade e pelo fato de o mesmo ter representado o pai da menina no sitcom em que ambos atuavam. Entretanto, logo eles se envolvem sexualmente, o que evidencia a busca por prazer momentâneo sem pensar nas consequências, tendência que marca a sociedade do desempenho, uma vez que o tempo principal é o presente, não é possível pensar no futuro por conta da instabilidade e flexibilidade do mundo, o que é desenvolvido por Bauman (1998).

A questão do presente como sendo a principal temporalidade da sociedade aparece bastante na série em momentos que Bojack é questionado sobre seus planos futuros, como no primeiro episódio, em que não sabe como responder questionamentos sobre o futuro. Isso também surge na terceira temporada quando o cavalo acaba de estrear no filme de seu ídolo Secretariat e fica no centro das atenções, realizando diversas entrevistas, e sendo indagado sobre seus planos, o que faz com que o mesmo se confronte com a instabilidade e insegurança do mundo. Diante desses sentimentos, o personagem se vê em um momento de fragilidade, e para compensar isso, utiliza seu mecanismo padrão: o álcool. Como consequência do consumo, há uma manifestação do inconsciente sem repressões, o que faz com que o mesmo divida informações íntimas e reprimidas com pessoas que mal conhece, o que vai contra sua personalidade insegura.

Além disso, no mesmo episódio é mostrado um flashback dos atores no sitcom, em que Bojack fala para Sarah Lynn que a mesma deve fazer de tudo para agradar ao público, mesmo que isso a mate. Essa fala deixa clara a busca por

perfeição existente na sociedade, dialogando com o vício em perfeição, desenvolvido por Woodman (2002), que leva a um esgotamento do sujeito, uma vez que a perfeição nunca será alcançada. É, justamente, essa busca que faz com que as personas se tornem cada vez mais rígidas, e, portanto, os aspectos sombrios cada vez mais reprimidos, ocasionando em uma grande unilaterização da consciência, energização dos conteúdos reprimidos e fragilização egóica, o que são pré-requisitos para o desenvolvimento de dependências (BATISTA, 2002).

Um outro relacionamento que evidencia a dificuldade do protagonista de se relacionar com os outros de modo psicologicamente construtivo, é a relação que ele apresenta com Todd. O cavalo, frequentemente, humilha Todd e nunca o ajuda, sempre mudando os assuntos para si mesmo, o que deixa claro grande individualismo. Bojack deixa Todd morar em sua casa, mas não como uma forma de ajudá-lo, e sim como um modo de afastar pensamentos que poderiam surgir caso o mesmo se encontrasse sozinho. Desse modo, fica claro que ele mantém o amigo em sua casa por egoísmo, uma vez que tem medo de ficar sozinho com seus conflitos, sendo que a presença de alguém o ajuda a se distanciar desses conteúdos. Isso fica evidente ao final da primeira temporada, quando Todd tem uma chance de ganhar dinheiro e se mudar. Diante dessa oportunidade, Bojack sabota o amigo para que isso não ocorra, o que mostra como ele só pensa em si mesmo, utilizando Todd apenas quando é conveniente, e o desconsiderando em outras situações que não seriam benéficas para si.

Ademais, ao final da primeira temporada há uma situação importante, Diane libera alguns capítulos da autobiografia de Bojack sem sua permissão. No livro, o protagonista é retratado enfatizando suas fragilidades e conflitos, o que, em um primeiro momento, é motivo de ridicularização por parte dos leitores, uma vez que essas tendências de fragilidade e descontrole são repudiadas na sociedade, sendo mascaradas e reprimidas por trás de personas fortes e confiantes, até que o sujeito passa a ser dependente dessa persona que se enrijece, conforme postulado por Jung (2015).

Entretanto, aos poucos, essa onda de ridicularização vai sendo deixada de lado, e os leitores começam a reconhecer algumas situações de Bojack em si mesmos, o que gera certa identificação e admiração pelo cavalo. Desse modo, o livro escrito por Diane pode ter sido um importante meio de incitar o desenvolvimento psicológico, tanto em Bojack, quanto nos leitores, uma vez que

trouxe questões que estavam na sombra da sociedade, dando a possibilidade das mesmas serem postas em evidência, trabalhadas e integradas da consciência, quebrando uma rigidez da persona produtiva.

É interessante notar que diversas questões que se encontram na sombra da sociedade por irem contra seus valores primordiais, como a improdutividade e o descontrole, são componentes centrais da personalidade de Bojack em diversos momentos, principalmente quando está em fases difíceis, mergulhado em sua dependência. Desse modo, é possível dizer que ele se encontra identificado com essa sombra social, como se fosse uma personalidade negativa, o que pode ocorrer com pessoas dependentes.

Isso ocorre pelo fato das dependências serem uma parte inerente do sistema de produção atual, uma vez que representam de modo exagerado questões que faltam na sociedade, o polo matriarcal (WOODMAN, 2002). Assim, esses “vícios” evidenciam uma necessidade de equilíbrio, surgindo como forma de compensar as tendências de busca por perfeição, que fazem com que o sujeito foque toda sua energia em apenas uma atividade, deixando-o sem forças para outros âmbitos da sua vida além do trabalho. O sujeito dependente seria o resultado de uma sociedade demasiadamente rígida que demanda uma persona rígida e aparentemente perfeita para a produção, de modo que os aspectos sombrios acabam sendo projetados naqueles que não seguem tal ritmo. O sujeito dependente representa a sombra dessa sociedade, e suas questões precisam ser integradas dentro da dinâmica social, para que os aspectos sombrios sejam devidamente olhados e elaborados, visando o equilíbrio (BATISTA, 2002).

Voltando a publicação de parte da autobiografia do protagonista, com o tempo, as pessoas passam a admirá-lo, porém até que essa mudança de postura por parte dos leitores ocorra, Bojack fica extremamente insatisfeito com o modo como é retratado, já que seu lado sombrio é evidenciado. O personagem queria ser retratado como alguém forte e imponente, como um sujeito modelo da sociedade do desempenho e perfeição. Ao final, ele aceita o livro apenas por conta da mudança da opinião alheia, que passa a admirá-lo, o que faz com que o mesmo se sinta importante e amado. Isso realça como Bojack depende da opinião alheia por não ter uma identidade bem construída e um ego estável, assim passa a depender dos outros para formar uma opinião sobre si mesmo, o que dialoga com o que foi postulado por Bauman (1998), que desenvolve essa questão da má construção da

identidade e suas consequências. Isso pode ser visto em diversos momentos da série quando pede para Diane dizer que acha ele uma boa pessoa, mesmo sendo egoísta, narcisista e autodestrutivo.

Nesse contexto de reconhecimento e admiração por parte dos outros, é possível observar certo desenvolvimento em Bojack, mesmo que seja de modo instável por depender fortemente do externo. O cavalo toma coragem para seguir um sonho de longa data: interpretar seu ídolo, Secretariat. Esse movimento é muito importante, uma vez que representa uma saída do polo sombrio matriarcal, marcado pelo descontrole, que já foi desenvolvido acima seguindo o que foi desenvolvido por Woodman (2002), além de indicar uma desidentificação do mesmo com a sombra da sociedade.

Aqui é possível vislumbrar uma nova possibilidade de Bojack viver e se desenvolver, entretanto, logo quando consegue o papel, surge a primeira frustração. Ele não se sente completo e realizado como pensou que se sentiria, visto que na sociedade em que vive, nada nunca é o suficiente, o que faz referência a sociedade do cansaço, descrita por Han (2015). Além disso, ele busca a gratificação através do mundo externo, sem olhar para si e tentar elaborar seus conflitos, e tentando ser reconhecido em um mundo instável regido pela lógica de mercado, tais características que são trazidas por Bauman (2004).

Uma cena interessante que ilustra bem como a sociedade do desempenho, postulado por Han (2015), funciona é mostrada ao final da primeira temporada, quando Bojack rejeita o livro de Diane e tenta escrever o seu próprio. Entretanto, é impedido por uma impossibilidade de se concentrar, e, ao invés de buscar compreender o porquê de não conseguir, liga para Sarah Lynn pedindo remédios que aumentem a produtividade dele, visto que não há tempo para analisar sua dificuldade em escrever sua autobiografia, ele tem um prazo a cumprir. Então, apenas disfarça o sintoma e parte para produtividade, não há tempo para olhar aquilo que é negado e reprimido que provavelmente está gerando o sintoma, a sociedade da positividade não permite.

Logo no início da segunda temporada é possível observar uma mudança nas atitudes de Bojack. Ele adota uma postura feliz e otimista, oposta à anterior, o que faz com que o mesmo tente até se abrir para um relacionamento amoroso, uma vez que está se sentindo produtivo, encenando seu ídolo. Entretanto, o personagem adota essa postura sem olhar seu lado sombrio, ou seja, sem qualquer tipo de

desenvolvimento psíquico significativo. Ele apenas reprime ainda mais seus aspectos sombrios, como uma tentativa de manter uma persona produtiva funcional rígida, o que é insustentável, visto que essas mudanças devem ser resultado de integração de conteúdos sombrios e reestruturação da persona para que seja possível sua sustentação, conforme Von Franz (1985). A repressão mencionada fica evidente pelo fato de Bojack não conseguir mais interpretar cenas tristes e sombrias, o que pode ser compreendido como uma dificuldade de acessar tais sentimentos por conta de uma persona rígida que tenta evidenciar felicidade e produtividade.

Conforme previsto, essa atitude positiva dura pouco, e logo deixa de ser sustentada. Bojack recebe uma ligação da mãe contando que leu o seu livro, e afirma que ele nunca será feliz ou se sentirá completo, dizendo que isso seria uma característica dos sujeitos da família Horseman. Essa ligação, que dura cerca de 20 segundos, consegue abalar sua persona positiva com grande facilidade, o que indica uma grande fragilidade egóica. Frente ao primeiro conflito que surge, o cavalo já volta para antigos padrões de dependência e autodepreciação.

Outra questão que dificulta ainda mais a manutenção dessa persona é a substituição da antiga diretora por um profissional que não segue a história real de Secretariat. O novo diretor deixa a história superficial, excluindo os aspectos conflituos do ídolo de Bojack, com os quais o mesmo se identificava e criava esperanças em relação a si mesmo.

Diante disso, o personagem deixa de enxergar sentido em seu trabalho, sendo esse âmbito da vida que promove sentido para os sujeitos na sociedade do cansaço, de acordo com Han (2015). Essa questão aliada ao fato de Diane estar hospedada em sua casa e se encontrar em uma fase difícil, faz com que Bojack, novamente, entre em um momento de extrema negatividade e consumo excessivo de álcool, se identificando mais uma vez com essa sombra da sociedade que explicita o descontrole. Essa manifestação também pode ser vista através do mecanismo de compensação, uma vez que Bojack estava em uma fase de grande repressão e positividade, os conteúdos reprimidos forma energizados, e acabaram ganhando grande força a ponto de invadirem a consciência

Segundo Jung (2011), o psiquismo apresenta uma tendência à auto regulação, sendo composta por pólos opostos e complementares. Desse modo, quando há unilaterização de um polo, o oposto ganha energia para que possa se manifestar, impulsionando um equilíbrio psíquico.

Além disso, mais uma vez o consumo de álcool pode ser observado como sendo um mecanismo de compensar a fragilidade egóica, trazendo equilíbrio para psique (BATISTA, 2002), já que foi a partir desse consumo que Bojack entrou em contato e acabou mergulhando na negatividade e autodestrutividade.

Nesse contexto, o cavalo se mostra improdutivo e inconsequente, de modo que não consegue sustentar seu relacionamento amoroso que logo acaba. Entretanto, mesmo com suas atitudes autodestrutivas que contribuíram para o fim do relacionamento, Bojack se vitimiza, afirmando que não mudou, mas que a namorada não o conhecia de verdade, como se ele não pudesse mudar, estivesse preso nesse papel de dependente, anulando sua responsabilidade.

Ao final da temporada, Bojack se encontra no pólo oposto em comparação ao início, o que é ainda mais intensificado quando descobre que as cenas do filme foram todas substituídas por uma versão computadorizada, ou seja, ele não atuou em nenhum momento. Essa questão contribui fortemente para o sentimento de insegurança e impotência, o que alimenta ainda mais sua dependência em álcool, uma vez que esse é usado também para despertar certo sentimento de onipotência e totalidade, o que se confunde com o contato com o Self. Desse modo, a temporada termina com Bojack Horseman sem amigos próximos, sem relacionamento amoroso, sem emprego e sem ver sentido em sua existência.

De acordo com Schoen (2009), o alcoolismo teria relação com uma busca e necessidade por equilíbrio, ou seja, totalidade, sendo que o uso do álcool proporciona uma sensação de onipotência que pode ser confundida com experiências de contato com o Self. Assim, a manutenção do comportamento de consumo seria realizada por conta dessa sensação de contato com a totalidade que ele proporciona, despertando fascínio no sujeito (WOODMAN, 2002).

No início da terceira temporada, é lançado o filme “Secretariat”, o qual Bojack é estrela, e é recebido de forma muito positiva, fazendo muito sucesso, havendo possibilidade do protagonista ser até indicado ao Oscar. Entretanto, mesmo estando no centro das atenções e sendo reconhecido por seu desempenho, como sempre sonhou, Bojack não se sente completo e gratificado como imaginava, o que é ainda mais intensificado pelo fato de não ser ele mesmo atuando, e sim imagens computadorizadas.

Outro momento que explicita o sentimento de falta acima mencionado surge quando o ator é nomeado ao Oscar, porém percebe que se sente da mesma

maneira que antes. Para lidar com isso ele, mais uma vez, apela para o consumo de álcool e busca do prazer momentâneo para mascarar sua insegurança e insatisfação por trás de uma persona feliz e festeira. Ao final da noite, Bojack consegue cumprir seu objetivo de busca de prazer, sem pensar nas consequências, enfatizando seu lado individualista, quando tem relações sexuais com a menina que seu amigo, Todd, nutria sentimentos amorosos.

Assim, Todd descobre esse acontecimento e decide confrontar Bojack, que, mais uma vez, se vitimiza. Frente a isso, o amigo aponta para o cavalo como o mesmo nunca se responsabiliza, culpando o álcool por suas decisões ruins, como se isso anulasse sua culpa. É possível observar que Todd faz com que Bojack se confronte diretamente com um dos aspectos centrais de sua dependência: a falta de responsabilização. E, ao mesmo tempo, obriga Bojack a reconhecer essa questão, de modo que ele se sente sobrecarregado em seu ego frágil, o que leva, novamente a uma temporada de consumo excessivo e intenso de álcool e outras substâncias, com a companhia de Sarah Lynn.

Ademais, nessa temporada, Bojack realiza uma importante reflexão sobre relacionamentos, em que, em um momento de clareza, traz que as pessoas buscam completude nas relações, o que não ocorre e só aumenta a sensação de vazio, levando os sujeitos a tentarem se sentir completos através de sexo, álcool, carreira, etc. É possível observar que, nesse momento, o personagem está descrevendo um padrão comum na sociedade do desempenho, descrito por Han (2015). Como já foi desenvolvido ao longo deste trabalho, os relacionamentos são essenciais para a existência humana e desenvolvimento psíquico, de modo que, um dos grandes problemas da sociedade em questão, é, justamente, a falta de relacionamento com os outros (SANT'ANNA, 2019). Diante da dificuldade em se relacionar, os sujeitos sentem-se frustrados e incompletos, o que faz com que busquem sanar esses sentimentos através de atividades que oferecem um alívio e prazer momentâneos, como uma tentativa de mascarar a fragilidade egóica advinda dessa falta de relação com o outro (HAN, 2015).

Dando continuidade ao padrão presente no final da terceira temporada, a quarta temporada começa com Bojack sozinho e afastado de Los Angeles. Após a morte de Sarah Lynn, ele não conseguiu voltar para sua casa e enfrentar sua realidade, o que fez com que o mesmo vá para a antiga casa de verão da família. Esse cenário já anuncia uma temática que será comum a toda temporada, as

relações familiares. O personagem fica cerca de oito meses vivendo sozinho na casa de sua família, o que faz com que diversas questões familiares e memórias venham à tona. Parece ser um momento de introspecção e desenvolvimento psíquico, em que Bojack decide focar em si mesmo, elaborando algumas questões e se fortalecendo psiquicamente para voltar a sua vida em Los Angeles.

Essa trajetória é representada pelo movimento que Bojack apresenta para reconstruir a casa da família que estava destruída e desgastada. Desse modo, a casa pode ser interpretada como o psiquismo do cavalo, que estava frágil e abandonado em certo sentido, sendo que o movimento de atenção e reparação da casa representa o autocuidado e fortalecimento egóico de Bojack, que antes da visita se encontrava em um momento de muita instabilidade. Mesmo parecendo que Bojack está em um momento de renovação e desenvolvimento, seu antigo padrão destrutivo ainda é predominante, o que faz com que, ao final das reformas da casa, ele destrua a mesma e volte para Los Angeles. Isso traz à tona um padrão de autodestrutividade de Bojack, em que pode ser ressaltada sua instabilidade e dificuldade de manter relações, o que faz com que suas trocas com o outro tenham sempre o mesmo fim, a destruição, algo central da sociedade em que está inserido, conforme trazido por Bauman (1998), que ressalta a fragilidade das relações humanas.

Enfim, o protagonista decide voltar para Los Angeles após essa temporada, sem levar para sua vida o fortalecimento egóico que poderia ser advindo dessa jornada. Assim, se encontra, mais uma vez, identificado com a sombra da sociedade: fracassado, improdutivo, triste e descontrolado, ou melhor, controlado pela sua dependência. Nesse contexto, surge Hollyhock, uma égua que pensa que Bojack pode ser seu pai, mas que logo descobre que são irmãos. Entretanto, até que tal descoberta seja feita, Bojack decide que não quer ter contato com a jovem, uma vez que acredita destruir todas suas relações.

Aqui, é possível observar que o mesmo já reconhece sua própria destrutividade, entretanto, não se responsabiliza por ela ou realiza qualquer tentativa de mudança, o que evidencia a permanência do padrão de vitimização que pode ocorrer nas dependências. Ademais, é possível observar que essa falta de responsabilização pode ser considerada um mecanismo de defesa de seu ego frágil para evitar que ele se confronte com suas atitudes. Entretanto, o movimento de reconhecimento já enuncia o início de uma possível jornada a um maior nível de

desenvolvimento, visto que Bojack já reconhece seu lado sombrio, que deve ser elaborado e integrado a consciência, levando a uma reestruturação da persona e a um fortalecimento egóico, de acordo com Von Franz (1985), que ressalta a importância de tal integração que exige uma posterior reestruturação. Porém, ele se encontra estagnado nesse reconhecimento, não avançando para um desenvolvimento, justamente, pela desresponsabilização e vitimização, o que evita que tome providências em relação a essa questão.

Além disso, nessa temporada, Bojack tem bastante contato com sua mãe, o que se mostra ser uma tarefa complexa, uma vez que ele nunca a perdoou por ter sido uma mãe ruim, o que significa que o cavalo nunca elaborou as questões relacionadas a sua mãe, reprimindo-as de modo que representam grande parte de sua sombra.

Por fim, é possível notar que o contato de Bojack com Hollyhock tem resultados positivos para o mesmo, uma vez que o coloca no lugar de adulto responsável, o qual ele tenta sustentar. A atenção e reconhecimento que a irmã oferece a Bojack faz com que ele tente se relacionar com ela partindo à disposição “Ser”, ou seja, sem atravessamentos da lógica de mercado e busca de prazer momentâneo (FROMM, 1982). Assim, se instaura uma relação diferente daquela típica da sociedade do desempenho, uma relação benéfica para o desenvolvimento psíquico, o que leva Bojack a encontrar certo sentido em sua vida além do trabalho: o cuidado com sua irmã e manutenção dessa relação.

Na quinta temporada Bojack se encontra em um momento melhor, entretanto a ida de Hollyhock para a universidade faz com que a mesma não consiga dar tanta atenção para o irmão quanto anteriormente, o que o deixa solitário e fragilizado. Em relação aos seus outros amigos, Bojack acabou perdendo um pouco de contato com eles por conta de sua inabilidade em se relacionar sem utilizar a disposição “Ter”, que enxerga os outros como mercadorias a serem consumidas (FROMM, 1982). Desse modo, se afastou, ou melhor, se afastaram do protagonista por conta dessa sua dificuldade e individualismo explícito. Aliado a isso, Bojack tem medo de tentar se reaproximar, uma vez que tal tentativa poderia levar a uma rejeição, que deixaria seu ego ainda mais enfraquecido.

Ademais, ele está estrelando em uma série de detetive, ou seja, está sendo produtivo e útil na visão da sociedade do cansaço, o que possibilitaria o aparecimento do sentimento de certo preenchimento em contraposição ao vazio que

sentia quando não trabalhava, algo comum na sociedade do cansaço, conforme Han (2015). Entretanto, tal sentimento de sentido não aparece, o que pode ser explicado pelo fato de o mesmo estar interpretando um alcoolista mal-humorado, assim como ele é. Isso, aliado ao fato de que, mais uma vez, está tentando adotar uma postura positiva faz com que o mesmo não veja sentido na sua atuação, visto que ele está interpretando um lado seu que está tentando reprimir e negar. Assim, essa falta de sentido atribuída ao papel pode ser compreendida como uma tentativa de não reconhecimento daquelas características em si, uma vez que nesse momento, Bojack está tentando sustentar uma persona típica e bem vista na sociedade.

Desse modo, fica evidente que, assim como ocorreu na segunda temporada, o cavalo realiza uma tentativa de mudança, porém sem passar pelos processos necessários de desenvolvimento psíquico que sustentariam as alterações, sendo a necessidade desses processos desenvolvida por Von Franz (1985), quando a mesma menciona a importância da integração de conteúdos sombrios visando a sustentação de uma persona com diferentes características. Entretanto, não há tempo útil para esses processos na sociedade do desempenho, as pessoas são, na verdade, aparentam ser, simplesmente felizes sem que haja um processo doloroso de confronto com a sombra para alcançar essa satisfação, há apenas uma repressão.

É possível observar a permanência da fragilidade de Bojack e afirmar que a tentativa de mudança ocorreu sem a presença de um desenvolvimento, visto que frente ao primeiro confronto mais intenso que surge, ele volta para antigos padrões de consumo de álcool e outras substâncias. Essa questão evidencia como o álcool ainda funciona como um regulador psíquico essencial para a homeostase da psique do protagonista, ao invés de ter sido substituído por um equilíbrio alcançado através da integração de conteúdos sombrios inconscientes na consciência, o que dialoga com o que foi desenvolvido por Silveira Filho (2002).

Bojack vai ficando, ao longo da temporada, cada vez mais dependente do álcool e dos comprimidos que toma, de forma que começa a misturar sua vida pessoal (passada, presente e futura) com as filmagens, até que acaba enforcando de verdade sua colega num momento de atuação. Nessa ocasião, é possível observar um ponto crucial para o desenvolvimento de Bojack, ele atingiu seu limite. Ocorreu uma erupção significativa dos conteúdos sombrios que se manifestaram em forma de agressividade exacerbada. Por conta de um rebaixamento da consciência

causado pelo consumo, o cavalo acaba por misturar realidade interna e externa, que se confundem, fazendo com que a sombra e a agressividade interna se manifestem na realidade externa. Essa questão é bem desenvolvida por Schoen (2009), que traz o fato do álcool possibilitar o rebaixamento da consciência e a manifestação de conteúdos inconscientes, diminuindo a tensão entre esses polos. Ademais, é possível observar que houve uma perda de controle do ego por conta da energização dos conteúdos sombrios, que ganharam muita força e passaram a controlar o psiquismo, resultando neste ato agressivo e descontrolado, o que dialoga com Jung (2011), que desenvolve a questão da energização de certos conteúdos como um mecanismo de auto regulação da psique.

Finalmente, após esse acontecimento, Bojack Horseman decide, com o incentivo de Diane, tomar uma medida necessária: se internar na reabilitação. Esse é um momento decisivo na trajetória de Bojack, uma vez que o mesmo decide se responsabilizar pelos seus atos e reconhecer sua impotência frente à dependência, sendo esse um passo essencial rumo a mudanças em relação ao padrão de dependência, de acordo com o que foi desenvolvido por Woodman (2002).

Essa busca por ajuda e reconhecimento de si como frágil representa uma tendência contrária à sociedade do desempenho, uma vez que dialoga com desenvolvimento psíquico, por permitir a posterior integração e aceitação desses conteúdos na consciência, indo contra a repressão. Com essa atitude, Bojack se desidentifica da sombra da sociedade e com a figura de dependente, e vislumbra a possibilidade de uma mudança real que parta da elaboração e integração de conteúdos sombrios, o que levaria a um desenvolvimento psíquico, dialogando com o que foi trazido por Jung (1994).

Entretanto, logicamente, não será uma mudança fácil, visto que o protagonista passou anos de sua vida seguindo os padrões de repressão da sociedade, até que o álcool virou um mecanismo de regulação psíquica, sendo essa concepção, do álcool tornar-se essencial para o desenvolvimento psíquico, construída por Silveira Filho (2002). Desse modo, Bojack precisaria fortalecer seu ego de forma que não precisasse mais do álcool para gerar homeostase psíquica, é necessário que o mesmo aprenda a transitar entre os polos apolíneo e dionisíaco, sem cair no lado sombrio que ambos apresentam, o que conversa com o Bauer (1982), uma vez que o autor traz o perigo do lado sombrio existente tanto no polo dionisíaco, quanto apolíneo.

Outro acontecimento importante dessa quinta temporada é a morte de Beatrice, mãe de Bojack. Em seu leito de morte, ela olha para o filho e diz “Eu te vejo”, como se estivesse o reconhecendo, sendo isso o que ele sempre quis ouvir e sentir, o reconhecimento. Na realidade, esse desejo de ser visto pode ser compreendido como um desejo comum na sociedade em questão, uma vez que seria acompanhado de certo sentimento de gratificação, visto que o outro estaria validando determinada atividade realizada pelo sujeito (HAN, 2015). O “ser visto” não ocorre com grande frequência, uma vez os sujeitos são dominados pelo individualismo, se relacionando na disposição “Ter”, enquanto o reconhecimento do outro pertenceria a disposição “Ser”, que permitiria o contato profundo com o diferente, possibilitando o olhar para a sombra pessoal, e posterior desenvolvimento psíquico (FROMM, 1982).

A sexta e última temporada da série “Bojack Horseman” começa com o protagonista na clínica de reabilitação já em seu sexto mês, entretanto, demonstra grandes dificuldades em se abrir e expor seus problemas, tanto na terapia individual, quanto na em grupo. Ele apresenta uma dificuldade em entrar em contato com seu inconsciente de forma construtiva e sem o auxílio que o álcool proporciona, uma vez que passou toda sua vida em um padrão de repressão e, também, por ter certo receio de entrar em contato com alguns conteúdos, por reconhecer sua própria fragilidade psicológica.

Tal reconhecimento é essencial para o desenvolvimento do mesmo, uma vez que representa o primeiro passo do sujeito rumo ao fim da dependência: quando o sujeito consegue reconhecer sua impotência e fragilidade frente ao álcool, o que possibilita uma posterior elaboração dessa questão, levando a um fortalecimento psíquico (WOODMAN, 2002). A questão do reconhecimento das fragilidades fica evidente quando é mostrado que Bojack não quer sair da clínica e voltar para sua vida normal, mesmo com incentivo do terapeuta. Ele tem medo de, assim como nas outras vezes que tentou mudar, não ser capaz de sustentar a mudança, e na primeira inconveniência, voltar para seu antigo padrão de dependência e falta de responsabilização. Porém, a presença desse receio já é um indicativo de grande desenvolvimento psíquico e fortalecimento do protagonista, uma vez que é possível notar que o mesmo saiu de antigos padrões de repressão e foco no presente imediato, ele está pensando a longo prazo.

Finalmente, Bojack sai da clínica, mas não consegue ficar em Los Angeles, então vai visitar Diane que se mudou, e depois sua irmã Hollyhock. É tão doloroso para ele ficar em Los Angeles, pois fica constantemente relembrando suas atitudes, ainda mais agora que se responsabilizou por elas. Desse modo, na visita a sua irmã, tem contato, na universidade da mesma, com a possibilidade de se tornar professor de teatro, o que desperta grande interesse em Bojack. Isso evidencia uma tentativa de mudar o rumo de sua vida, sair de Los Angeles e da fama que o consumia, e levar uma vida tranquila, longe de conflitos antigos, enquanto nutre sua relação com Hollyhock. Essa tentativa ao mesmo tempo que mostra um movimento positivo de mudança, também aponta para um receio de Bojack de se confrontar com questões passadas, uma fuga de sua vida de Los Angeles, uma vez que não se acha forte o suficiente para enfrentá-las. Porém, também representa um reconhecimento dos seus limites, o que é positivo.

Entretanto, sua vida começa, novamente, a desandar quando sua irmã descobre uma história ruim de seu passado e decide se afastar. Ademais, nessa mesma época, é publicada a história da morte de Sarah Lynn, que ressalta o fato de Bojack ter manipulado a cena da morte para parecer que ambos não estavam usando substâncias juntos, o que representa um movimento de extremo egoísmo e individualismo, típico do sujeito do desempenho, que faz de tudo para não ser prejudicado.

Assim, diante de toda essa confusão, Bojack se encontra extremamente fragilizado, o que é potencializado pela falta de apoio de sua irmã, com que nutria uma relação diferente dos seus antigos relacionamentos. Desse modo, nesse contexto de grande enfraquecimento e confronto com conflitos muito delicados, Bojack, mais uma vez, não encontra outra solução a não ser o consumo desenfreado de álcool e outras substâncias. Essa antiga tendência revela que o mesmo ainda não estava com o ego suficientemente fortalecido para lidar com grandes confrontos, entretanto, não significa que não tenha havido mudanças positivas e certo desenvolvimento psicológico durante seu tempo na reabilitação. Essas mudanças de fato aconteceram, caso contrário, ele não teria aceitado sua impotência frente ao vício e buscado ajuda, e não teria saído da clínica em busca de uma vida diferente com novas possibilidades.

No momento em que estava sob o efeito de substâncias, Bojack acaba invadindo sua antiga casa e quase morre afogado em sua piscina, o que mostra a

externalização do seu padrão autodestrutivo, tanto no momento do quase afogamento, quanto no consumo exagerado que poderia levar a uma overdose. Esse confronto com a morte dialoga com um dos pré-requisitos trazidos por Schoen (2009), para identificar a presença da dependência: comportamentos destrutivos que confrontam o sujeito com a morte, e, portanto, com a possibilidade de renascimento. O outro seria que a substância deveria representar algo central na vida do sujeito, o que fica evidente no comportamento de Bojack Horseman.

É interessante analisar o comportamento de dependência de Bojack seguindo as 5 etapas essenciais descritas por Schoen (2009), sendo elas: o alinhamento do ego/persona com um Self falso; o desenvolvimento da sombra pessoal; busca de descarga de tensão entre consciente e inconsciente através de atividades repetitivas e imediatistas; a manutenção dessa conduta, que leva a criação do complexo sombra-toxicomania; e a tomada de controle da psique pelo complexo sombra-toxicomania.

O primeiro passo está relacionado com a formação de uma persona rígida, e, portanto, exclusão intensa da sombra, o que dialoga com a exclusão da negatividade, típico da sociedade do cansaço (HAN, 2015). É possível observar nos flashbacks da série que Bojack, frente ao sucesso de seu sitcom e a pressão de sua mãe, além da pressão interna, enrijece sua persona produtiva a fim de maximizar seu desempenho. Isso faz com que o mesmo desenvolva uma sombra pessoal muito reprimida, visando a manutenção de sua produtividade, o que energiza tais conteúdos, que se manifestam de modo intenso e exagerado, o que corresponderia ao passo 2 mencionado acima, o que já foi desenvolvido ao longo da análise.

Frente a isso, é possível observar o terceiro passo, quando Bojack começa a fazer o uso de álcool para descarregar a tensão de manter essa persona produtiva e reprimir seus conflitos pessoais, o que também corresponde com a busca por prazer imediato visando o alívio de desconfortos, comum na sociedade em questão. Com o tempo, esse comportamento de consumo passa a ser essencial para estrutura psíquica do personagem de modo que ele não consegue não consumir álcool diante do surgimento de conflitos internos e externos. E, por fim, o psiquismo de Bojack fica fragilizado, sendo tomado pela necessidade do consumo de álcool, o que pode ser observado em diversos momentos em que o protagonista não enxerga outra alternativa a não ser o uso da substância para resolver momentaneamente seus conflitos.

Por conta de toda essa situação, o protagonista é preso, e dentro da instituição consegue levar uma boa vida, controlada e sem o consumo de substâncias. Tem bons relacionamentos lá dentro e forma um grupo de teatro, em que nutre sua paixão pela atuação, o mesmo se encontra em um bom momento na prisão. Isso pode ser entendido pelo fato de dentro da prisão, ele estar fora da realidade selvagem do desempenho e do cansaço, o que alivia as pressões para o desempenho e competitividade interna.

Por fim, ele sai da prisão por uma noite para ir ao casamento de Princess Carolyn, o que representa um importante marco, uma vez que encontra diversos personagens da série que não tinha contato há muito tempo. Bojack está numa fase diferente, se responsabiliza por suas ações e reconhece o mal que fez para seus amigos, o que possibilita que o mesmo peça desculpas e faça as pazes com diversos personagens.

O cavalo deixa de se identificar com a sombra da sociedade e se coloca em um lugar de reconhecimento de seus limites e potencialidades, o que possibilita a formação do grupo de teatro na cadeia e sua saída para reencontrar seus antigos amigos, que remetem a uma fase complicada de sua vida. Bojack consegue controlar sua dependência quando está dentro da cadeia, entretanto, o externo ainda o apavora e apresenta muitos gatilhos para seu ego, sendo que ele consegue ter consciência disso, o que aponta para um grande desenvolvimento psicológico em comparação às outras temporadas da série.

Desse modo, é possível analisar que mesmo frente a todos os empecilhos, Bojack Horseman consegue, ao final, se libertar relativamente da lógica da sociedade do desempenho, uma vez que se responsabiliza por suas ações e reconhece sua impotência frente a dependência de substâncias. Ele deixa de ser o sujeito típico individualista, competitivo que nega qualquer problema e se relaciona apenas seguindo a lógica de mercado para obtenção de prazer imediato, ou aquele que se identifica com tudo que a sociedade rejeita.

Mesmo com todas questões e conflitos presentes em sua trajetória, Bojack consegue alcançar um grau importante de desenvolvimento, o que evidencia a integração de alguns aspectos sombrios e quebra de uma persona rígida que, para ele, se alternava com a presença de uma persona identificada com a sombra da sociedade e seu oposto, uma persona feliz e produtiva. O final da série traz um aspecto melancólico, já que é possível observar que, por conta de suas antigas

atitudes que seguiam a lógica da sociedade do cansaço, o cavalo afastou todos que se importam com ele. Porém, com todo seu desenvolvimento é possível vislumbrar, principalmente no último episódio da série, a possibilidade de mudança para uma nova vida para Bojack que seja repleta de desenvolvimentos e fortalecimento egóico, indo contra a lógica vigente na sociedade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a tudo que foi desenvolvido no presente trabalho, é possível concluir que o personagem Bojack Horseman representa, em sua trajetória, um padrão comum na sociedade do cansaço e desempenho.

O nome Bojack Horseman já sugere um contraste entre animalidade e humanidade, uma vez que é uma junção das palavras “homem” e “cavalo”, o que reflete o fato dele ser um cavalo com características humanas, mas que ainda mantém alguns hábitos típicos do animal. Essa contraposição pode ser interpretada como uma representação do conflito entre consciente e inconsciente, este último que contém, além de outros elementos, aspectos reprimidos, tais que são constantemente negados e afastados da consciência de Bojack.

Dessa maneira, é possível compreender esse lado animal como uma metáfora para o inconsciente de Bojack, que é ignorado durante vários momentos da série, sendo encoberto pela prevalência de características humanas, o que representa algo típico da sociedade em que esse personagem vive. Dentro desse contexto de negação do inconsciente, é possível observar uma tendência contrária ao desenvolvimento psíquico, o que ocasiona em uma unilateralidade da psique, e, portanto, em uma energização de conteúdos inconscientes, ou seja, da sombra, além de proporcionar um enrijecimento da persona produtiva.

Outro fator que contribui para essa dificuldade de reconhecimento do inconsciente, que leva a um enrijecimento da persona, e, portanto, a uma potencialização dos conteúdos sombrios, tem relação com o meio cultural no qual Bojack está inserido. Nessa sociedade do desempenho, a positividade é valor máximo, ou seja, não há espaço para o negado. O reconhecimento dos aspectos sombrios da personalidade exige o reconhecimento de uma potencialidade não desenvolvida, de algo negado. Dessa forma, frente a essa positividade, o elemento negado não tem vez, muito menos o seu reconhecimento, o que impede o desenvolvimento psíquico. Ademais, há um enrijecimento da persona, que deve

sempre expressar os valores da produtividade e do bem-estar, que permite a manutenção da atividade produtiva, sendo este o valor máximo.

Nesse contexto, é importante mencionar que a questão da dependência de substâncias de Bojack pode ser entendida como um símbolo de algo que falta nessa sociedade, uma tentativa de trânsito entre as polaridades, que acaba se manifestando de forma excessiva, justamente por conta do enrijecimento da persona. Nessa perspectiva, pode-se dizer que há uma tendência apolínea na sociedade que pode ser identificada por meio da rigidez e unilateralização, assim, o uso do álcool seria um meio de contato com esse lado dionisíaco que é reprimido, por conta de uma intolerância ao ócio improdutivo.

Desse modo, é possível considerar o alcoolismo como uma consequência dessa sociedade que preza pela produtividade e acaba por reprimir aspectos considerados improdutivos, o que ocasiona a formação da sombra social. Assim, o alcoolista expressa, de maneira explícita, tudo aquilo que é abominado pela sociedade: a improdutividade e a falta de controle.

Dessa maneira, seguindo um padrão comum da sociedade do desempenho, o protagonista, no início de sua vida profissional, tenta ao máximo manter uma persona produtiva às custas da repressão de conteúdos sombrios que poderiam prejudicar seu desempenho. Diante disso, faz uso de substâncias psicoativas com o objetivo de diminuir a tensão entre os conteúdos conscientes e inconscientes, de modo a manter certo ritmo produtivo, até que essas substâncias passam a ser essenciais para seu funcionamento psíquico, configurando a dependência.

Portanto, Bojack deixa de ser um sujeito típico funcional da sociedade e passa a se identificar com a sombra da mesma, por conta do seu mergulho no polo das dependências, que evidencia o descontrole e a improdutividade. Entretanto, ao final da série, o personagem consegue se desvencilhar parcialmente dessas exigências da sociedade que geram sofrimento, e pôde-se afirmar que o mesmo deixa de ser esse sujeito típico, tanto no pólo considerado positivo, quanto negativo, para sustentar sua existência de outra maneira, mais benéfica para seu desenvolvimento psíquico.

Diante disso, é possível observar que os objetivos descritos no início do trabalho em questão foram alcançados, dado que o principal objetivo foi a realização de uma análise simbólica do personagem, partindo da psicologia analítica, e inserindo essa análise na sociedade do cansaço, descrita por Han (2015), ao mesmo tempo que descrevendo a dependência do personagem como uma consequência comum da existência nessa sociedade.

Isso foi feito tendo como base a análise da série "Bojack Horseman", por meio de uma revisão dos episódios da mesma, e uma extensa pesquisa bibliográfica que subsidiou a ideia por trás do trabalho em questão. Primeiramente, foi elaborado um capítulo que caracteriza a sociedade a qual Bojack estava inserido, para que fosse possível buscar seus impactos no psiquismo humano. Posteriormente, um capítulo que evidenciou os principais conceitos teóricos junguianos (sombra e persona) utilizados na análise, foi escrito, para que fossem articulados com as características da sociedade descrita. Isso feito, foi realizado um capítulo enfatizando as questões da dependência de substâncias sob a perspectiva da psicologia analítica, em que se destacou o desdobramento desse fenômeno como uma fragilidade no desenvolvimento egóico e como característica da sociedade capitalista, que preza pela produtividade e desempenho.

Por fim, todas essas temáticas divididas em capítulos foram articuladas entre si, o que serviu de subsídio para o desenvolvimento da análise do personagem Bojack Horseman, possibilitando o cumprimento dos objetivos do presente trabalho.

Mesmo com o alcance dos objetivos propostos, a pesquisadora acredita que outros trabalhos possam ser desenvolvidos, tendo como tema central o desenvolvimento das dependências, mas não apenas de substâncias, mas trazendo, por exemplo, a dependência em trabalho. Ademais, seria interessante a realização de pesquisas que problematizassem o conceito das dependências, ressaltando o foco de algumas apresentarem um peso social negativo, enquanto outras são ignoradas, ou até mesmo admiradas, como no caso do *workaholic*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, B. Z.. **As diferentes faces da personalidade**: um estudo sobre o transtorno dissociativo de identidade, sob o referencial teórico da Psicologia Analítica.(Trabalho de conclusão de curso para graduação em psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019.
- BATISTA, J. D.. **Um paralelo entre o mito de narciso e a dependência química dentro de uma abordagem junguiana**. (Monografia para obtenção do título de especialista em Psicologia Junguiana) – Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo. São Paulo, 2002.
- BAUER, J. **O Alcoolismo e As Mulheres**. Contexto e Psicologia. (C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1982.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BITTENCOURT, R. N. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**. Rio de Janeiro. v. 9. n. 100. p. 62-69. 2009.
- BITTENCOURT, R. N. O LUTO COMO SUBVERSÃO NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO. **Cadernos Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro, v. 11, ed. 25, p. 190-200, 2021.
- BOB-WAKSBERG, R. **BoJack Horseman**. Tornante Company/ ShadowMachine, 2014. Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse?jbv=703008>>
- BYINGTON, C. A. B. A Sombra e o Mal. O paradoxo do Arquétipo Central. Um estudo da ética pela Psicologia Simbólica Junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. p.221-230. 2019.
- EWALD, A. p.; MOURA, M. T. C.; GOULART, S. M. S. Contemporaneidade e sofrimento psíquico: Relações entre modos de vida e demandas psicoterapêuticas. **Psicol. Argum**. Rio de Janeiro. v. 30(68). p. 119-129. 2012.
- FORTIM, I.; ARAÚJO, C. A. Psicologia analítica e as dependências: uma revisão. **Revista Junguiana**. São Paulo. n. 32/2 - Desmedida, Falta e Excesso. 2013.
- HAN, B. C. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, B. C.. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

- HILLMAN, J. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- HIME, G. M. P.; ANDRADE, F. A. Relacionamentos e individuação na sociedade pós-moderna. **Psic. Rev.** São Paulo. v. 18. ed. 2. p. 165-187. 2009.
- JUNG, C.G. **Aion: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo, O. C. IX/II** [1971]. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. A natureza da psique. **Obras Completas de C. G. Jung**, vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G.. **O eu e o inconsciente, O. C. VII/II** [1971]. Petrópolis, Vozes, 2015.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. v. 7(1). Petrópolis: Vozes, 1980.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JUNG, C. G. Segunda conferência. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. v. 18(1). Petrópolis: Vozes, 2001.
- JUNG, C. G. Terceira conferência. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. v. 18(1). Petrópolis: Vozes, 2001b.
- JUNG, C. G. Tipos psicológicos. **Obras Completas de C. G. Jung**, vol. VI. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- MADLE, C. How BoJack Horseman became the 21st Century's best animation. **BBC**. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20191024-how-bojack-horseman-became-the-21st-centurys-best-animation>>. Acesso em: 8 ago. 2021
- MOURA, E. BoJack' entra no top 10 dos melhores episódios ao lado de 'Game of Thrones' e 'Breaking Bad'. **Folha de São Paulo**. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/09/bojack-entra-no-top-10-dos-melhores-da-historia-ao-lado-de-game-of-thrones-e-breaking-bad.shtml>>. Acesso em: 4 out. 2020.
- PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. (Tese de doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.
- PINTO, S. C. L. Sociedade do excesso: a pandemia da indiferença. **Cadernos Zygmunt Bauman**, Rio de Janeiro. v. 10. ed. 23.p. 116-119. 2020.
- RIBEIRO, M. **Drogas: Uma leitura junguiana da história e da clínica das dependências**. (Monografia apresentada à Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA) como requisito para a obtenção do título de membro-analista). São Paulo, 2012.

SAMUELS, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SANT'ANNA, P. A. Arquétipo, individuação e intersubjetividade: a dimensão psicossocial do sofrimento humano. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. São João del-Rei. v. 14(4). 2019.

SCHOEN, DAVID E. **The War of the Gods in Addiction: C.G. Jung, Alcoholics Anonymous, and Archetypal Evil**. New Orleans, Louisiana: Spring Journal Books, 2009.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, D. J. Sociedade do desempenho e governo da vida deficiente. **Educação e Filosofia**. Uberlândia. v. 34. ed. 70. p. 45-71. 2020.

SILVEIRA FILHO, D. X. **Drogas - uma Compreensão Psicodinâmica das Farmacodependências**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRENTO, A. C. F; PAULA, L. M. Q; et al. Projeções, fantasias e relações sociais: uma análise junguiana sobre a pornografia na atualidade. **Self – Rev Inst Junguiano**. São Paulo. v. 6. 2021.

TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

VON FRANZ, M. L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.

WHITMONT, E. C.. **A Busca do Símbolo – conceitos básicos da Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix, 1969.

WOODMAN, M. **O vício da perfeição**. Compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e o desenvolvimento psíquico. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

YOUNG, S. D. **A psicologia vai ao cinema – o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna**. São Paulo: Cultrix, 2014.